FANTINA

Bibliotheca de Algibeira

COLLECÇÃO IN-12

L. F. da Veiga. — Diccionario dos nomes proprios, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
Alfredo de Musset. — O segredo de Javotte, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
— Contos, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
— Pedro e Camilla, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
Pires de Almeida — Martyres da vida intima, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
Jorge Velho. — Folhas silvestres, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
Albéric Second. — A Viscondessa Alice, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
Demophilo. — Cathecismo constitucional, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
J. de Alencar. — Til, 4 v. br. 4$, enc. .... 6$000
Guimarães (Bernardo). — O Indio Affonso, seguido de: A morte de Gonçalves Dias, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
O. Feuillet. — Julia, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
J. Sandeau. — João de Thommeray, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
Fausto. — A caça de um baronato, A herança esperada e inesperada, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
— Casamento de tirar o chapéo, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
— Dous dias de felicidade no campo, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
— Um provinciano ladino, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
— Scenas da vida republicana, reminiscencias do feliz tempo escolar, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
Kock Junior. — O Bom do Senhor Leitão. 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
— Contos Jocosos, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
— Um marido por um pé de meia, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
— O Pandego, 1 v. br. 1$, enc. .... 1$600
Belot — A mulher de jogo, 2 v. br. 2$, enc. .... 3$000
Belot e J. Dautin. — O Matricida, 2 v. br 2$ enc. .... 3$000
— Dacolard e Lubin, continuação do Matricida, 2 v. br. 2$, enc. .... 3$000
A. Dumas Filho. — Sophia Printemps, 2 v. br. 2$, enc. .... 3$000

FANTINA

(SCENAS DA ESCRAVIDÃO)

POR

F. C. DUARTE BADARÓ

ACADEMICO DE S. PAULO

COM

UM JUIZO CRITICO

POR

BERNARDO GUIMARÃES

RIO DE JANEIRO

B. L. Garnier.— LIVREIRO EDITOR

71 RUA DO OUVIDOR 71

1881

MEU CARO BADARÓ

Vou por meio desta carta communicar-te a impressão, que deixou em meu espirito a rapida leitura, que fiz, do teu romance manuscripto intitulado—Fantina—, e que pretendes dar á luz da publicidade. Em meu entender estréas lindamente a tua carreira de romancista, e si o gosto litterario não está ainda inteiramente pervertido, o teu livro será acolhido com applausos e obterá consideravel successo.

Talvez estejas lembrado, que por vezes te disse em conversação, que em materia de litteratura, e especialmente no romance não conheço escola alguma, que tenha jús a predominar exclusivamente, e só admitto a authoridade daquella, que é presidida pelo bom senso e pelo bom gosto.

E' somente guiados por estes dous fanaes, que poderemos descriminar e seguir o que ha de bom e bello nas tendencias das diversas escolas e nos escriptores de melhor nota, e escolher com criterio o que ha de aproveitavel no material, que a nossa propria imagi-

nação e observação nos podem suggerir para um emprehendimento litterario. O bom senso nos esclarece para rejeitarmos o que ha de futil, banal e grosseiro, e só escolhermos o que ha de conveniente, util e decoroso na vida real. O bom gosto nos inspira para que só lancemos mão do que é bello, isto é, daquillo que pode ser agradavel á imaginação do leitor.

Utile dulci — eis o axioma de critica litteraria, que nunca será derrogado. Do primeiro se encarrega o bom senso, o segundo é tarefa do bom gosto.

Si o romantismo puro não pode constituir uma escola, tambem não o pode o realismo. No romance principalmente, genero de litteratura, sobre o qual ainda ninguem legislou, nem pode legislar, campo vasto, aberto a todas as imaginações, ninguem deve ser julgado segundo os aphorismos desta ou daquella escóla, deste ou daquelle systema.

No romance nada de exclusivismo escolar ; nada de exagerações. Caracteres e descripções, lances e peripecias, tudo deve ter o cunho da verosimilhança e da naturalidade ; tudo deve marchar de accordo com as leis physicas e moraes, a que o mundo e a humanidade estão sujeitos, a menos que não se tracte de alguma dessas producções, que pertencem francamente ao genero phantastico, como os poemas de Ariosto, as

Mil e ùma Noites, os Contos de Offmann, alguns romances de Theophilo Gauthier, e outros.

O romance, como tudo que é producto litterario, deve visar a um fim qualquer, que seja util ao homem e a sociedade. Sua missão consiste, no meu entender, em procurar elevar o espirito humano exaltando-lhe a phantasia e inspirando-lhe sentimentos nobres e generosos por meio da creação de typos brilhantes e dignos de imitação em contraposição a caracteres ignobeis, torpes ou ridiculos. Ora, a realidade é quasi sempre fria, trivial, e ás vezes abjecta e repugnante; bem poucas vezes se apresenta em condições de poder ser copiada ao natural em uma téla litteraria; sempre é mister, que o pincel ou lapis do artista retoque as linhas e o colorido, para que o painel se torne apresentavel como obra de arte. Eis ahi porque não posso comprehender, que haja producção litteraria de merito, sem que tenha alguma cousa de poetica e ideal. Si o realismo prevalecesse absolutamente nos dominios da litteratura, esta não seria uma arte nobre, engenhosa e profunda, como é; seria apenas um mero processo mechanico, como é a photographia em relação á pintura.

Por outro lado o romantismo, ou antes, o idealismo exagerado nos leva de encontro a um escolho não

menos formidavel, e que devemos evitar com igual cuidado. Perdendo-se de vista inteiramente o mundo real, que em todo caso deve servir de typo ás producções da phantasia, o espirito como que perde a orbita de seu giro, embebe-se nas regiões do delyrio, e só engendra creações monstruosas, cuja deformidade em vão procura disfarçar sob o apparato de brilhantes accessorios, e de uma linguagem rica e imaginosa.

No meu entender soubeste evitar em teu pequeno romance com igual felicidade os dous escolhos, que acabo de indicar. Si bem que se filie francamente á escola realista, — escola que sem duvida deve predominar, quando se tracta de um romance brazileiro, de costumes e da actualidade, — todavia não é elle o transumpto de uma realidade chata, grosseira e trivial, mas sim um quadro vivo e interessante do que ella offerece de digno da attenção do artista, do litterato e do phylosopho. Muito mais longe ainda anda elle das quixotescas exagerações do romantismo descabellado. Caracteres bem delineados e bem sustentados, lances e peripecias bem conduzidos, dialogo sobrio e animado dão muita vida, interesse e realidade ao teu romance ; ao passo que uma linguagem correcta, elegante e pura, sem degenerar em lusitanismo, e tambem muito brazileira sem descahir no americanismo, de que tanto

abusam alguns escriptores nacionaes, fornece-lhe o verniz ideal, de que não se pode prescindir em toda a producção litteraria.

E' por agora o que te posso dizer ao correr da penna a respeito de tua producção, depois de uma rapida leitura. Aguardo ancioso sua publicação para poder fazer della mais ampla apreciação.

Teu amigo

BERNARDO GUIMARÃES.

FANTINA

I

Era meio dia.

Uma calma intensa produzia amollecimentos voluptuosos. O vasto terreiro da fazenda era de terra massa-pé, e com o refrangimento do largo sol, que cahia dos telhados das sensalas parecia a abobada de um forno. Pombas mansas arrulavam tristemente lá por baixo do sobrado. Com grandes barulhos os cevados estiravam a barriga colossal na agua que corria ao longo do chiqueiro. A quebreira tornava-se abafadiça. A fazenda estava quieta, n'um reposo pacato ; as varandas desertas. Lá pelos lados de traz ouvia-se a cantiga monota d'uma velha africana que pilava café no engenho ; e mais confusamente percebia-se o chiar d'um moroso carro de bois que subia o morro de leste. D. Luzia, estirada na cadeira que estava no canto do quarto, lia preguiçosamente o *Jornal do Commercio*.

Fantina, bocejando muito, ia movendo os dedos sobre a cabeça de nha-nhá, dando cafunés.

D. Luzia deixou cahir mollemente o jornal sobre o regaço e mandou a mucama ver como estavam os engommados. E começou de pensar em Frederico. A sua physionomia morena e sadia vinha-lhe á memoria com os augmentos de um cosmorama. Ella ia aos poucos combinando as idéas, e afinal via tão nitidamente o objecto de seus ais, que estendia-lhe os braços promettedores. Derepente cerrava os sobr'-olhos e batia com o pé no chão, dizendo:

—Hei de casar com elle, custe o que custar. Não sujeito-me ás imposições de genros e filhos.

—Faltam ainda as saias de recortado; disse Fantina entrando.

—Pois que as preparem até logo, que amanhã irei á cidade ver a festa do Divino Espirito Santo.

Havia fogos artificiaes para a noite da festa; o sermão declamatorio de frei Ludovico ao meio dia, os cumprimentos attenciosos do compadre vigario, os encontros com Frederico,—tudo lhe parecia nadando em luz e vida.

Enviuvara-se, havia quatro annos, e dizia ter soffrido muito. Não se achava velha, apesar de ter quarenta annos, alentados como o toutiço de um conego. Ou

fossem os alimentos de que usava, muito succulentos, ou o temperamento sanguineo, ou o calor daquelles lugares ; o certo é que ella sentia no corpo rejuvenecido impetos da mocidade. Idéas sensuaes bailavam no seu cerebro ora remoçado.

Algumas das filhas casadas aborreciam-se e davam muchochos com o modo dengue da *mamãe.*

Que não era mais tempo de cazar-se ; elles, filhos e filhas, precisavam muito della ; — e demais não achavam geito no tal Frederico.

A tudo isto *ella* respondia com palavrões d'arromba, cheios de fel.

II

O compadre Zé de Deus, assentado á porta d'uma engenhoca que guardava as cangalhas da tropa, cozia uma retranca; e ao mesmo tempo conversava com Frederico, que da janella do quarto lhe fallava da festa do Divino.

— Não sei se irei, seu Frederico. Sae um homem de sua casa, vae a uma festa nessa terra de vadios e nada ganha; pelo contrario, elles é que ainda fazem a gente pagar bebidas, os diabos—os bebados.

— Mas D. Luzia nos convidou—disse Frederico—; e nos offereceu a casa.

— Não me lembrava da comadre, seu maganão! Então o sr. quer ir á festa do Divino? Está bom.... está bom—tartamudeou alevantando-se e dirigindo-se para onde fallava Frederico.

III

Ao outro dia pela tardinha ambos faziam a entrada nas ruas do *Rio Novo*. Atravessaram a ponte, e, subindo por uma rua muito estreita, passaram pela porta d'uma casa grande, de sacadas pretas, onde havia muita gente em trajes domingueiros. Era a vespera da festa; a povoação, porem, mostrava-se pelas ruas e rotulas jesuiticas. Havia o *rou-rou* de vestidos muito engommados, que indica alteração nos habitos caseiros. Na porta da *casa grande* apearam, e na sala caiada de branco, com um aparador no meio, quadros de paisagens pelas paredes, sofá alcoxoado a um canto, estava D. Luzia e os amigos que foram visita-la. O Zé de Deus foi muito bem recebido. Frederico muito attencioso poz-se a fallar dos festejos que vira, havia tempos, em Barbacena. E com ar respeitoso pedia a sancção de seus dizeres a D. Luzia. O *compadre* alevantou-se desabotoando o collete, e, da sacada, olhava

as crioulas que chalaceavam passando pela rua na direcção do castello, que apparecia, borrando o horisonte, lá ao longe, na parte mais alta da cidade.

Que calor, senhora comadre! E' neste tempo que me lembro do meu Alem-Tejo.

D. Joaquina foi ao piano e começou de tocar o *Sabià,* que ella estropeava soffrivelmente. A sombra da tarde quente entrava na sala; e as arvores ramalhudas d'uma quinta em frente volviam de manso as folhas como beijos susurrantes da viração rara.

Pediram luz.

O Zé de Deus preparava-se para sahir. D. Joaquina ainda tocou para elle um *batuque* muito de sua paixão.

— Vou á casa do Roberto ver se chegaram umas encommendas.

Dictas essas palavras, retirou-se fazendo barulho na escada.

Esse Roberto de que elle fallou era um portuguez fallido trez vezes; um ratoneiro que esteve com o negocio fechado por mais de seis annos, sem meio de vida conhecido. Batia na pobre mulher, fazia medo ás filhas e punha os filhos p'ra rua. Agora com a amizade do patricio ia acreditando-se, porque o Zé de Deus tinha uma bôa fazenda. Terras uberrimas, alguns

negros, e alem de tudo muito memoravel nas lendas de certo mascate, o Zé de Deus gosava do nome de rico. Contavam os visinhos, no seu grande azedume burguez, que elle era rico, porque nos tempos da moagem lambia o beiço dos negros para ver se tinham chupado alguma canna sem licença. Hoje frequentava muito a casa da comadre, porque lhe queria a mão viuva.

IV

Frederico conhecia as intenções do *seu homem* ; mas não fazia-se timorato, porque tinha consciencia da sua supremacia. O Zé de Deus indo a Sorocaba comprar bestas aconteceu encontrar e conhecer Frederico, não sei em que ponto; e sympathisou-se muito com elle, porque um seu camarada da tropa esbordoou a um bebado e foi preso. Frederico foi-lhe então o anjo da guarda, que, na qualidade de intimo da Silvestre, mulher do delegado, arranjou a soltura do preso. O Zé de Deus exultou. Perguntou logo ao seu imprevisto amigo, com muita liberdade, se queria ir com elle para negociarem junctos. O da mulher do delegado, ou como diziam na terra — o da Silvestre, — resolveu abandona-la e seguir o convite do seu protector. A pobre mulher quando soube do plano do scelerado amante quiz fugir com elle ; mas o marido deshonrado, avisado a tempo, prendeu a infida consorte até que estivesse bem longe o seu socio.

V

Depois de chegados á fazenda do Ribeirão Frederico não estava bem, porque o Zé de Deus queria serviço e elle era da pandega. Demais, *as* ridicularias do dono da casa o enjoavam. A' hora do jantar via-se na ponta da mesa um prato de bananas, e tres somente, visto ser esse o numero das pessoas que tinham de jantar: o Zé de Deus, Frederico e um feitor. Um dia o portuguez ia brigando, porque Frederico comeu duas das fructas. Foi o diabo. O Zé de Deus alevantou-se e foi á despensa, e como não encontrasse mais bufou, e deixou o Antonio da Chica fazendo cruz na bocca.

O que continha Frederico neste centro de privações era a esperança de realisar um plano gigante. Foi um domingo passear á fazenda de D. Luzia, e lá, emquanto ella mostrava curiosidades ao compadre, Frederico contava os bezerros nascidos, olhava os pastos e tomava o numero dos escravos. Sondava tudo com a profundeza arguta de um moderno observador. Depois

de muitas indagações interesseiras e de volta ao outro dia, perguntou ao Zé de Deus :

— Esta familia parece gente arranjada, não, senhor Zé de Deus ?

— Não é só arranjada,seu Frederico ; é rica e continua augmentando os cabedaes.

E nestas cendições chegaram ao Ribeirão.

Notou-se em Frederico desde esse dia uma certa alegria biltre ; ria, cantava e fazia gemer as velhas cordas de um violão. Contava pilherias salobras ao Zé de Deus ; — estava nos ares, o frascario.

Sempre que lhe era possivel ia passear ao Ingaseiro, e não perdia missa em que fosse D. Luzia e as quatro mucamas—mulatinhas frescalhonas. Aos poucos foi se introduziudo, e tomou terreno como a gotta d'agua que ao de leve se entranha no barranco até esborsa-lo. Frederico começou de passar semanas inteiras sob os telhados do Ingaseiro, recebendo certo tratamento familiar da parte de D. Luzia.

Quem ia ao quarto delle levar o café da manhã, era uma velha mulata, a Rosa. A's veses eram oito horas quando a rapariga batia na porta e annunciava-lhe o café. Mesmo em ceroulas elle dava entrada á bandeija. Sentado na borda do leito atrapalhado, ia mexendo o assucar, emquanto Rosa parecia escovar o ventre com

a quina da bandeija. Lá comsigo o antigo da Silvestre pensava no mau gosto da casa a respeito de serventes; pois havendo na fazenda tanta gente *limpa*, mandavam-lhe uma mulata maior de quarenta annos, magra, muito alta, com um lenço de chita cheio de ramagens vermelhas atado á cabeça em forma de gorro de marujo ; saia de algodão de S. Catharina, tinto de candoá.

— Então, *tia* Rosa, como passou esta noite a sra. D. Luzia ?

— Ella passou bem, meu sr.; todos passaram bem, graças a Deus.

— E' o que serve, é o que se quer, tia Rosa.

Mesmo em mangas de camisa abria a janella do quarto, a qual dava para o lado do rio, que depauperado pela secca, rolava a sua corrente com um som gemebundo e apaixonado, como que se recordando das selvas intrincadas que outr'ora pousavam-lhe as margens de gritos selvagens. Hoje suas ribas silenciosas tinham o aspecto desolador de um peito vasio de esperanças.

Frederico saboreando um explendido cigarro do Pomba olhava as janellas que lhe ficavam em linhas paralellas. O ar muito puro e doce de uma manhã azulada fazia-o respirar prasenteiramente, paxorrenta-

mente. No terreiro proximo os curraleiros tiravam leite. Os bezerros quebravam a monotonia daquellas horas com balidos famintos, que troando no ar como os accentos de uma lamentação recalcada, iam morrer no sopé do morro do leste. Em outro terreiro viam-se os bois de carro já presos pelas pontas ; e mais alem, *fóra* das porteiras, em cima d'uma cerca, um negro de quiçamba ao hombro, gritava os porcos do pasto. E oquelle *culé*, *culé*, do porqueiro attrahia a attenção de Frederico que achava *poesia* nesse rudimento de civilisação. Depois elle passava á varanda da frente. D. Luzia n'outra varanda, logo que o percebia convidava-o para entrar. Alli, ella assentada e elle encostado ao para-peito, iam olhando-se com certos cuidados. Frederico com uma das mãos machucava as folhas de uma *catinga de mulata*, que sahia fóra do caixão de pedra. O aroma sensual da planta exhalando, fazia pensar no seu *homonimo*. D. Luzia fallava de uma e de outra flôr ; e lá em um canto dava-lhe um raminho significativo que elle agradecia dizendo :

— E' sempre com immenso prazer que de vossas mãos recebo qualquer coisa !

Ella sorria a estes dizeres pelintras. Nesta occasião entrava o Juca que convidava Frederico para depois do almoço irem passear á roça. Frederico aceitando o

convite começava a fallar em caçadas de caetitús, pacas e antas: Então o Juca ficava verboso, e contando façanhas, dando tiros com a bocca e latindo ao mesmo tempo, dava o typo do verdadeiro e apaixonado amante da venatoria. Seu genio era franco e largo: gostava de passar dias inteiros pelos seios das mattas virgens, aspirando os aromas quentes das resinas que caem das arvores como longas lagrimas de gigantes chorosos. Aquella musica sonora que a matilha entôa quando vae rolando por um capão fóra, punha na alma delle enthusiasmos lendarios. E quando a féra encostada á uma toca rangia os grandes dentes, escumando com as raivas ingentes de um organismo selvagem, era-lhe grato chegar empunhando o largo facão e a espingarda, e desparar o tiro, e ver o animal exangue inda lutar com as prezas dos amestrados cães. Tinha paixão por um cão, como eu ou o leitor tem por uma mulher bonita e espirituosa. Assim como nós vendo um rancho de moças ficamos a analysar os pés, as cinturas, as linhas do rosto, as entumecencias frescas dos seios, elle extasiava-se deante de um cão varado, de fucinho cumprido e intelligente. Sabia a arvore genealogica dos seus amigos de caçada, e dizia que possuia um cão veadeiro, que era da sua estimação especial, e contava que o avô desse galgo fôra tão fiel amigo, que seu se-

nhor uma vez ferindo-se n'uma caçada e morrendo, o cão poz-se de guarda quinze dias. Quando encontraram o cadaver já decomposto pela podridão, o pobre animal não se podia suster nas patas para escaramuçar os corvos famintos. E contava mais, que depois de encontrado e enterrado o cadaver, o cão apaixonou-se e desappareceu de casa, sendo algumas vezes visto a uivar tristemente pelos sitios onde outrora seu senhor fazia-lhe estremecer, disparando a arma, cujo estampido internava-se pelo seio da floresta, reboando de quebradas em quebradas.

VI

O Zé de Deus quando pensava no Frederico dizia lá com seus botões: — Está com o terreno prompto: quando muito pouco casa-se com a Joaquininha, ou então vae ser administrador da fazenda, porque caiu nas sympathias da comadre.

E no entanto *elle* é um malandro, um picaro!!..

VII

Ao meio dia Frederico e Juca estavam vendo um enorme arrozal que acompanhava as sinuosidades de um riacho. Frederico contemplando a face encrespada daquelle mar verde e sussurrante, sentio o peito cheio de paixão pela mãe do Juca. Teve vontade de fazer como o barbeiro do rei Midas : dizer o seu segredo ao arrosal para que elle o repetisse ás brincadoras virações da tarde. Um calor dissolvente murchava as purulentas folhas das beldroegas. Em uma volta do riacho havia uma frondosa sanandúba, que por largo espaço atirava a sombra de seus ramos viridentes e protectores. A humanidade serena e recolhida, e o cheiro enebriante dos melões, derramavam no ar umas sensualidades agrestes.

De volta para a fazenda passaram por um atalho onde moravam uns antigos campeiros da casa. Ahi parados, o Juca perguntou á velha Josepha :

— Onde foi o Daniel?

— Sahiu, nhô-nhô, hade haver coisa de meia hora; e se não me engano elle foi até lá ao Ingaseiro, pela estrada do Açude.

VIII

—Que não aborrecessem, que era senhora de si, que não supportava massadas,—dizia D. Luiza ao compadre Zé de Deos.

—E' o que vem a acontecer. Todos muito mal satisfeita, senhora comadre.

—Que estejam;—murmurou ella levantando-se para ver quem chegava no terreiro.

Era o Frederico com o Juca.

Reunidos na espaçosa sala onde os moveis de jacarandá preto derramavam uma côr triste e melancolica, D. Luzia perguntava a Frederico como se houvera pela roça. Elle era muito corado, com os cabellos em desalinho pela testa, ia os conceitando e contando as particularidades frias do passeio. O Zé de Deos encostado ao portal riscava phosphoros um atraz do outro, para accender uma ponta de cigarro que já lhe chammuscava os beiços. De vez em quando dizia lá comsigo:

Que grande bandalheira! este cavalheiro de industria metteu-se aqui e a bebada da *velha* está pelo beiço... Que eu os atrapalho, não resta duvida. E' simplesmente um desaforo; —concluia atirando um jacto de saliva preta lá para um canto. Levantou-se, e passeando pela varanda pensava no titanico vagabundo, que em má hora entrou-lhe em casa, dizia:

—Veio do inferno me perturbar: já estava a minha fazenda do Ribeirão quasi em negocio, porque em casando-me com *ella* tornava-me, por força de lei, senhor e possuidor do Ingaseiro.

E vendo esses castellos derrocados só com a lembrança de Frederico enfurecia-se atrozmente, supinamente.

Entrando na sala disse:

—A senhora comadre ha de permittir, mas eu vou me chegando para casa.

—E' muito cedo, compadre!... o jantar não demora. E' melhor esperar a tardinha, porque o sol está de rachar.

—Visto *isso* espero.

Lembrou-se de bons pratos, da abundancia animadora, e por amor da gastronomia esperou. Cravando os olhos no rosto de Frederico elle disse:

—O senhor tem engordado bastante!?

—E' verdade. Tenho passado bem ; e poucos *amoladores*.

A ultima palavra muito accentuada fez o Zé de Deos corar, e para disfarce, principiou a fazer novo cigarro.

D. Luzia internamente apreciava a conversação do compadre com o *eleito*; e ria-se quando aquelle era humilhado por este. Reatavam o fio da *prosa* quando chamaram para o jantar.

Entraram.

As vidraças da sala estavam suspensas, e umas paineiras visinhas mettiam familiarmente para o lado de dentro os seus grandes e frondosos ramos. Os passaros com a sombra e frescura da sala gorgeavam scintillantemente; e á porfia chirleavam dois sabiás e um negro e luzidio gorricho. Frederico sentia-se alegre, jovial ; contava casos, ria. Uma outra passarada parecia estar cantando no seu peito feliz.

IX

Nesta hora em que a *nhê-nhá* estava distrahida, Fantina aproveitou para dizer adeus a Daniel, que chegára quando foi servido o jantar. Toda medrosa e tremula ella passou pela sala de visita, e chegando á varanda, deu quasi de frente com elle, que se ergueu rapido.

—Como vaes, Daniel? Estás tão sumido!...

—Trabalhando muito por tua causa, meu bem...

E chegando-se a ella pegou nas suas mãos papudinhas e quentes.

Depois ouviu-se o esvoaçar de um beijo.

—Olha que pode vir alguem, Daniel!

Mas elle com a rude franqueza dos camponezes chegou-a ao peito, que estuava; e ella na doce confiança dos corações ingenuos, deixava-se levar. Por muitas vezes, desde meninos, Daniel a perseguia; mas quando passava-lhe as mãos com força, ella fallava em gritar. Beijos e abraços por muitas vezes foram estro-

phes que os dois rimaram ao calor de masculinidades virgens.

Daniel queria casar-se; tinha-lhe muito amor, e muito desejo sensual, tambem. Agora, ella já mulatinha de desoito annos inflammatorios, producto de duas raças viris, com uns cabellos pretos e luzidios como o anum, cacheados; com dois olhos humidos e velozes como o gume de um punhal da Numancia; e os labios de uma carnação rubra como as tintas das auroras boreaes, olhavam de cima os seios que rivalisavam com as metades de uma gambôa *temporona*—apresentava o typo da americana meridional. Os senhores moços quando encontravam-na longe de D. Luzia, davam beliscões e diziam-lhe palavras de significação equivoca. Promettiam-lhe mundos e fundos: a carta de liberdade e uma negra. Estas tentativas malogravam-se de encontro ao muro de seu pudor casto.

Um medico italiano esteve rodeando muito a fazenda: diziam que doido. Ella nem o conhecia. Sei que o infeliz Lovelace sendo arguido sobre seus amores, respondera friamente: *Quantuque bella con tutto ció non mi piace*. D. Luzia tinha ciumes de Fantina, e attribuia a ella ou aos seus cobres todas as festas que se lhe faziam.

Um arrastado de cadeira na sala de jantar interrompeu o doce colloquio.

—Não, não ! chega que pode vir gente Nhê-nhá está acabando de jantar.

Daniel convulsionado, sentindo mil vidas, uniu-a ao seio e depoz-lhe um beijo tão inflammatorio, que produziu no seu organismo um jorro de sensualidade, semelhante a agua de um açude quando rompe-se em borbotões mugidores. Daniel disse que já possuia um conto de réis, mas que ainda não chegava. Convidou-a para fugir ; ella recusou, porque estimava muito a nhê-nhá. E dando nelle mais um abraço, pediu que apparecesse.

Em seguida sumio-se pelo corredor. Daniel a amava com uma fome de alarve. Os desejos carnaes dando vigor á sua imaginação, puchavam-o para juncto *della*, como o pescador pucha pelos cabellos o companheiro que caiu da canôa.

X

Frederico um pouco espiritualisado dizia chalaças funambulescas ao Zé de Deos, que muito vermelho, com o nariz como um pimentão maduro, devorava um pedaço de queijo, regando-o a miudo com *Madeira*.

—D. Luiza, seu compadre não viaja hoje.

—Porque?

—Oh! pois a senhora não vê como elle tem *trabalhado?*—e apontava para os pratos que tinham o aspecto da carestia.

E suspirava com a bocca muito cheia.

—O que fez comer mais um pouco foi o choriço; e minha comadre, a fallar a verdade, depois que vim de Portugal, ainda não bebi tão bom vinho.

—E' soffrivel;—respondeu D. Luzia.

—O Zé de Deos estava cheio e dizendo muitas liberdades.

—O' Chico! dá cá o choriço ahi! E tomando o prato puchava com a colher como se esta fosse uma pá.

—Sou doudo por isto, já me aconteceu uma que vou contar.

—Quando vim de Portugal, ha vinte annos, fui morar ao Lamim ; e lá estando a servir de caixeiro, vi na mesa um bonito prato, muito pretinho, que reluzia como a penugem de um melro. A gordura corria de redor do prato e o sangue era do mesmo dia.

Aqui arrotando com grandes estrondos, fez uma pausa.

—Quando, então, mudei-me pr'aqui, perguntei como se fazia aquillo; e o Pedro da Carlota, me disse que engordava-se o capado, e, cinco dias antes de matal-o, só se devia alimental-o com goiabada, garapa, rapadura, e sempre doce. Depois, morto o porco, as tripas estariam cheias de choriço. Assim fiz. Cortei as tripas em pedaços de meio palmo, amarrei-os e puz á fumaça da chaminé. Um bello dia foi que me lembrei de provar; e então vi onde havia cahido, tudo devido ao *sainbamba* do Pedro, o perro. Continuou dizendo que naquelle tempo merecia desculpa, porque era um pobre *novato*, que até procurou n'um hotel ovos de cutia, e quiz matar um tatú, suppondo que o bicho cavava a sua cova. E dando uma risada arreganhada, mostrava uma caverna cheia de dentes podres e pretos, como fosseis, do uso desbragado do cigarro.

XI

Acabado o jantar sahiram para a varanda, onde corria uma viração fresca e saturada dos perfumes do laranjal, que esbranquiçado por uma enorme grinalda, parecia entoar o epithalamio florestal. Na praia, em baixo, á beira do rio, alguns homens em fraldas de camisas pescavam de anzol; e muito rubro, com uma enorme bola de metal candente, o sol tombava ensanguentando a selva do espigão, que se recortava em grandes agulhas negras. Aquellas arvores annosas, grossos jequetybás e sangue-dedragos, prejectavam pela encosta uma sombra larga e recuperadora como um perdão.

—Vou partindo, que d'aqui á casa tem uma legua; e foi sahindo em busca das esporas.

D. Luzia disse-lhe:

—Pois não quer o compadre ficar hoje!

—Não, senhora; preciso de despachar a tropa amanhã com um carregamento de toucinho. E virando-se para Frederico perguntou-lhe pelo cavallo.

—Não posso ir hoje, amigo e Sr. *Deus*; fico para

caçar pacas com o Sr. Juca. E retirou-se assobiando com a mollesa de um poltrão.

—A comadre deve estar aborrecida commigo?

—Não! mas porque o compadre pergunta?

—Ora, pois *este homem* fica aqui de invernada! E encolhendo os hombros augmentou o volume dos beiços.

—Não, meu compadre, não me aborrece a estada do Sr. Frederico: dá-me até prazer.

Frederico ouvio, mas achou prudente fazer ouvido de mercador.

—Queria ainda dizer-lhe duas palavras minha comadre.

—Pois queira entrar,—disse ella conduzindo-o para dentro.

Na intonação da voz de D. Luzia havia um quer que era de amargo e ironico para o Zé de Deus.

—Vai, vai, picaro desavergonhado! rosnou Frederico.

Neste tempo Frederico começava de *resolver na mente as altas idéas* de realisar seus sonhos ridentes, casando-se com a viuva rica. Lembrava-se de Fantina, da Amelia e de outras mulatas da fazenda. Dias mansos e rosados enlaçavam-se cantando no horisonte de seus dias futuros como um alegre bando de tuins sobre a cupula do jacatiá coberto de flores azues.

—Nhê-nhá está lhe chamando cá pr'a dentro,—disse Fantina.

Elle olhou-a, quiz chamar; mas ella voltou rapida como o burro que espanta-se da folha da imbaúba cahida no meio do caminho.

XII

A porteira bateu : era o Zé de Deus que partia lançando a maldição sobre aquella casa de *porcos* e de *cabras*.

—Isto está para ficar um bordel! atraz *della* as mulatas! Dizia o Zé de Deus lembrando-se de que elle é que havia trazido o *cravo*; e mordia os beiços furiosamente. Em caminho chegou a chorar. Apeou na descida d'um morro para urinar, e o burro que era *inteiro* correu atraz de umas egoas pela capoeira dentro.

—Vai, diabo! alem de *tudo* inda guisos!

Correu muito atraz do macho, e já suado e cheio de lama dos brejos onde passou, sempre conseguio pegar o animal. Cortou um pé de tuncum e poz-se a esbordoar o innocente burro. O animal corcoveava, mas elle firme como um esteio, e segurando-o pelas orelhas, bradava descompassadamente :

—Socega, diabo! que juizo poderás ter mais do que eu; força, não!

E dava bordoadas.

—Que é isso, seu Zé de Deus? disse Daniel chegando.

—Até o senhor, homem? Venho desesperado com aquelle ninho de safados e *este Frederico* ainda correu atraz daquellas Luzias! Não voltarei aqui. Aquelle sujeito que lá ficou é um precipicio. Casar-se-ha com a comadre, e eu, que tanto a servi, que fui até arrieiro da sua tropa, fico esquecido!!

E desparou em tal berreiro, que parecia um pequeno burguez pedindo ao pai que lhe ponha mais farinha na cuia do leite, por demanhã. Daniel que estava com um pé fôra do estribu, e um pouco torto sobre o lombilho, disse-lhe:

—Qual, o seu Zé de Deus, D. Luzia não se casará com *elle*; porque não sabe quem elle seja.

—Que! o senhor está muito atrazado! E ella é *velha*, mas come muito lombo de porco, muito vatapá, que aprendeu a fazer com a Theresa bahiana; bebe bom vinho, do Porto... e... depois fica como uma cadellinha em mez de Agosto. Está doida por um rapaz. E' o que ella quer. E elle, Daniel, o diabo que andava perdido lá por onde Judas perdeu a bota, irá por tudo fóra! E apontava n'um gesto rasgado para as florestas seculares que rodeavam o ventre dos araxás.

—Mas, seu Zé de Deus, o Juca não ha de consentir, porque o *homem* é desconhecido e muito bandalho. Se ella soubesse o que elle fez na noite da festa do Divino, em casa da Manoela, com uma sucia de *marchadeiras*, o Juca e ella não quereriam.

—Mas como foi o caso? perguntou o Zé de Deus abrindo muito os olhos.

—Eu lhe conto. Havia muitos dias que *elle* ia á casa das sujeitas, e depois do *castello* queimado ajuntou-se lá com o tonico da Sombra, o Antonio Caetano e outros. O senhor sabe... e muitas mulheres da roça que tinham vindo ver a festa, tambem se achavam lá. Seu Frederico *pintou*! Agarrou n'um *pinho* e fez bravuras... Cantando, dando umbigadas de rechar, e sapateando, berrava o

Eu puz o meu boi na serra
E virou vacca parida;
Agora nem boi nem vacca,
Nem com que trate da vida.

Cantarolou muito... e deu até abraço em mulheres casadas!

E benzia-se o Daniel, engradando a cara com meia duzia de cruzes.

—Seu Zé de Deus, *elle* chegou a apostar com o Lino — o trovador — e levou o velho á parede. Na hora em que estava o cateretê para acabar o Frederido chegou a apagar as luzes com o chapéu, entornando azeite nos outros homens e gritando damnadamente :

Aqui vendo azeite,
Lá vendo sabão :
E tu fallas commigo,
Seu gato ladrão ?

Chegou a quebrar a viola, e finalmente escaramuçou até as *marchadeiras*, que estavam já bebedas.

O Zé de Deus ouviu tudo sem nada dizer, de boca aberta, quasi estupido.

— E' assim — accrescentou Daniel — se D. Luzia souber não ha de querer casar-se com um homem tão pandego. E no mais até amanhã, que está ficando noite e escura como breu.

E pondo as *chilenas* no rotundo ventre da egoa, sumiu a galope levantando uma nuvem de poeira.

XIII

O Zé de Deus esteve a noite sem poder dormir, anciado, muito calor — dizia.

Alevantou-se, abriu a porta do quarto que dava para uma varandinha.

Umas cangalhas que á tarde foram atalhadas, alli estavam derramando no ar um cheiro relentado, nauseabundo. Voltou, fechou a porta e atirou-se sobre uma esteira, no chão.

— Que não aguento este calor das caldeiras do inferno! Antes no meu Portugal lavando latrinas, como um sapo. O maldito vinho foi demais, e o vatapá tambem.

As pulgas que começaram a morde-lo, o calor, o cheiro irritante das cangalhas ainda humidas do sangue das mataduras e do suor, faziam-o desesperar.

— T'arrenego, diabo ; que isto já parece praga do Frederico, que tantas bananas me comeu.

E coçando com grandes arranhões as costas onde as pulgas mordiam, gritava :

— O ladrão, o Frederico ! dormindo talvez no meio *dellas !*

A Margarida acordou estremunhada com aquelles gritos no quarto visinho, e mesmo em fraldas de camisa, com muitos bocejos, veiu bater á porta do quarto do *seu homem*, segundo dizia.

— Empurra, que está sem taramela !

— Que é isto, seu Zé ?

— Ora que é isto ?

— Não é por mal que eu pergunto. Estava dormindo e acordei com seus gritos : pensei que me chamava e vim.

— Vossê veiu, fazer o que ? Só se carregar na saia de baeta as pulgas que estão me devorando.

— Não Sr.,eu, o Sr. sabe, não uso de saia de baeta.

— Está um inferno esta casa : pulgas, catinga de cangalhas, calor, raiva, e por outro lado ainda vossê, Margarida ? Veja-se abre a janella, taivez o sereno melhore isto.

Ella levantou-se, e apalpando no escuro foi esbarrar nelle.

— Oh ! vossê está cega ? que coisa !

— Pois está tão escuro ! !

Elle concluiu dizendo, que quando ella vinha procura-lo á calada da noite, sem elle ter chamado, nunca se esbarrou.

Um ar fresco e molle encheu o quarto, que abafava. Então elle aspirou largamente, e quiz dormir no collo de Margarida.

— Que é isto, seu Zé ?

— Não é nada, não é nada.

Ella assentada, encostada á parede, com as pernas enforquilhadas, fazia travesseiro para o seu Zé, que roncava muito, com a cabeça appoiada francamente, no seu largo ventre.

De muito mau geito, ella foi estendendo as pernas até têl-o bem aconchegado. Mechia as costas de encontro á parede procurando coçar as pulgas, e via o *seu homem* bolir com os pés. Punha a mão nelle e ia esfregando-o da cabeça aos pés.

Uma vaca no campo, depois que o bezerro acaba de mamar, não o lambe tão bem como Margarida esfregava as pulgas do seu Zé.

XIV

A's cinco horas da manhã já se viam bestas amarradas tres a tres ao redor das estacas, e silenciosamente com um ar meditabundo olhavam para os grandes balaios, como estudantes que não sabem o ponto. Estava almoçando quando Margarida veiu dizer-lhe que o Daniel se achava lá fóra. Um rapaz, muito cedo, indo ao pasto, passou por casa de Daniel e contou-lhe que vinha do Ingaseiro, e que o *homem* não queria sahir. Daniel perguntou particularidades e só pôde saber que D. Luzia casava-se. Frederico estava de olho na Fantina. Esta ultima noticia feriu a Daniel.

O Zé de Deus sciente disto, mastigava um duro pedaço de carne, tão duro como o problema que pretendia resolver.

— Eu quero ver, seu Zé de Deus, si com o sr. arranjo o resto do dinheiro para tirar a Fantina, D. Luzia pede dois contos para passar a carta de liberdade, e eu já tenho um conto e pouco.

— E' muito ouro, Daniel! — disse o Zé de Deus limpando a bocca na manga da camisa. O melhor era vossê deixar disso. A rapariga não tem nada; a senhora nada lhe dará — vossê tambem não tem.... Agora si vossê gosta mesmo muito della, porque não arranja um meio de vê-la todas as noites?

— Seu Zé de Deus, eu gosto muito della; fomos creados junctos. Ella é bôa, muito bem procedida, e me estima de uma maneira, que só Deus sabe. E deixava ver duas grossas lagrimas apontando nos olhos. — E' uma perdição uma coisa assim. Ha quatro annos que ajunto dinheiro: vendo uma egoinha, uns carros de milho, e tudo ponho em suas mãos. O sr. bem sabe.

— Vossê tem feito muito sacrificio, Daniel; mas ella nada tem, e o dinheiro.... e hoje o dinheiro.... Primeiro *isto* — e esfregando o polegar no indicador, concluia que depois Christo. E' com quem me arranjo; todos vem aqui á porta do Zé de Deus... E dava uma risada feliz, onde o amor da avareza tinha um timbre argentino. Chamam-me miseravel, porco; porque não encho a barriga delles, e ando com um paletot que veio de Portugal commigo, e no qual o Chico da Libania poz dez botões, o anno passado. Custou-me tres mil réis fortes, bem me lembro. Levantou-se, desceu

a escada e poz a bigorna entre as pedras e pegando no martello começou de *tarracar* cravos; que o burro atraz das egoas do Ingazeiro perdera duas ferraduras —dizia.

Daniel encostado ao corrimão da escada pedia-lhe conselhos. Elle dizia que furtasse a rapariga e fosse para bem longe; que ella era clara, bonita e bem educada, por isso ninguem a tomaria por escrava fugida.

Daniel allegava não furta-la, porque ella negava-se a isso, por amisade a D. Luzia, que muito a queria. Não ia ve-la todas as noites, porque queria-a para sua mulher, queria ser marido.

— Então deixa disso; e batia nos cravos com martelladas de um cyclope.

— Seu Zé de Deus, é uma coisa esquesita que eu sinto por aquella rapariga: vou trabalhar e fico com ella adiante dos olhos; vou dormir, sonho com ella ao canto da cama sendo furtada por uns negros horriveis, que arrombam a parede; então dou tiros, ouço-a gritando que acuda.... Acordo suado, afflicto, com a bocca margosa. Acho que é feitiço. Minha mãe fallou ao vigario a este respeito, e elle disse que eu furtasse Fantina e levasse para casa delle, e que depois della estar lá escondida uns vinte dias, nos casaria. Mas eu

(Deus me perdôe, e bensia-se) tenho medo desse padre me por a perder. Elle é italiano, e esses padres tem até roubado mulheres casadas, como a do Luiz Ferreira, que o sr. conheceu muito bem. Emfim, está o diabo, seu Zé de Deus.

— E tudo eu arranjaria. Daniel, si D. Luzia não se casasse com *elle*.

Si eu fosse o preferido como desejava, casava você com Fantina no mesmo dia, e ainda dava um dote.

Daniel muito calado enxugava as lagrimas com a manga do gibão de lan azul.

— Sabe o que mais ?—disse o Zé de Deus, e olhou para Daniel com olhos tigrinos. Vou atrapalhar o casamento intrigando o Frederico. Escrevo á comadre uma carta contando a pandega da cidade na noite da festa do Divino, e ella o põe para fora de casa.

Daniel que conhecia o caracter de D. Luzia, sorriu achando fallivel a alavanca com o Zé de Deus tentava mover o *mundo* de Frederico.

Depois propoz a Daniel o assassinato de Frederico, e como elle se negasse, o Zé de Deus encaminhou-se p'ra o quarto, com o fim de escrever a carta.

XV

Naquella noite em que o Zé de Deus lançou muito pau de envolta com excommunhões sobre o burro, chegou ao Ingaseiro o Teixeira, muito amigo da casa. Estavam de prosa na sala quando o recemchegado perguntou pelo truque; pois que desde as fogueiras de S. Pedro até aquelle dia não pegava em cartas. D. Luzia disse-lhe que podiam jogar, estavam a conta certa. D'ahi a pouco entrou Fantina muito alegresinha, com o cabello solto, formando canudos pelos hombros, um ropão branco abotoado pela frente, e estendeu em uma mesa pequena o damasco.

— Bom — disse o Teixeira — tiremos a sorte.

D. Luzia viu os olhos de Frederico mordendo-lhe as formas do seio farto de carnes lautas, e sorriu.

— Vou eu jogar com o Juca e a Sra. comadre com o *commendador* Frederico, bradou o Teixeira baralhando.

Não demorou muito e a voz do apaixonado do truque reboava pelo interior da casa.

Frederico em frente de D. Luzia achava-a *soffrivel* nessa noite.

E, na verdade, o pó de arroz que sombreava-lhe a pelle clara, tinha um tom macio ; um verniz muito molle no cabello, certa intumecencia nos labios vermelhos e redondos, o seio com traços escorreitos, formavam um todo promettedor. O cheiro de *la vanille,* muito doce e subtil, que saturava o ropão sulferino que ella trajava, produzia em Frederico certos alcantis concupiscentes. O calor abafava ; a luz do grande candieiro de latão que pendia do meio da sala derramava nas paredes caiadas de branco, com pequenos barrados pelos extremos, uma côr cheia de tonalidades mordentes. Sem sentir D. Luzia tocou no pé de Frederico com a ponta do sapatinho de marroquim, de biqueiras de verniz.

Frederico a esta prova de amor, atordoou-se. Esqueceu-se das cartas e instinctivamente dizia :

— Truco.

Dando uma forte punhada na mesa o Teixeira bradou :

— Seis, jogador !

E Frederico perdia.

Então uma gargalhada chocarreira saracoteava pelos vastos corredores fazendo com que as mulatas que bordavam crivos ao redor de um maneebo d'azeite, dessem cotoveladas umas nas outras.

XVI

A's onze horas já a lua apparecia, e cahindo dos telhados a grande sombra recortada formava no terreiro limpo uma figura semelhante a uma enorme mantilha.

Aquella pacatez do ermo era, aqui e acolá, quebrada pelo latir somnolento de um cão que enrodilhado, aproveitava o calor das cinzas onde as negras assaram batatas, á porta das sensalas. Fantina ainda estava acordada. Morava em um quarto que communicava com o de D. Luzia. Ella e mais tres mulatinhas, mexiam na cama a noite inteira. Tinham desejos de passear, de fugir; mas a intervenção de Fantina as socegava.

Virada para o canto, com muito calor, passando a mão pelo corpo humedecido, Fantina ia arredando os lençóes, e dando redias a imaginação tropical; sempre phantasiosa, começava de ver Daniel, moreno, magro, de uma magresa sympathica, com um leve buço, que parecia o feltrosito do pecego sasonado; e nitidamente sentia-o ao seu lado; e então, irritada, arquejante,

dava no travesseiro beijos voluptuosos, profundos, de uma mordacidade abrasadora. Sosinha, sentindo o sangue mestiço correr-lhe pelas veias com a velocidade de Masepa, ella chorava a sorte de escrava que a separava dos braços de Daniel.

E nestas tribulações dormia suffocada por mil desencontrados desejos. Empurrando, beliscando, apertando as outras tres companheiras, ellas lembravam-se dos caixeiros que nos encontros na igreja disseram-lhes palavras novas, cheirando a coisas curiosas; e do Vida, no qual um sapateiro déra *pelotadas* de bodoque, nos fundos da horta.

XVII

Ao outro dia cedo Frederico abriu a janella do quarto para gozar o ar fresco de uma ridente manhã. Vendo correr lá embaixo um pedaço do rio que moviase em uma cantilena melancolica, Frederico admirava parvamente a fumaça que adelgaçando-se em capuchos de algodão do cume de um monte, parecia partir do cachimbo de um piaga sentado á porta da taba. Achava bôa e bonita a posição da *sua* fazenda. O céo de um azul muito lavado, com certos accidentes, dava ao dia um aspecto jovial e protector. Não demorou, appareceu Rosa com o café. O seu primeiro cuidado foi perguntar por D. Luzia, como ella havia passado a noite, se tinha dormido bem. Rosa mostrava os seus dentes aguçados circulando umas gengivas pallidas, e respondia com bom humor, um pouco envergonhada.

— Então, tia Rosa, as mocamas como vão ?

— Esrão agora molhando o jardim ?

— Boas peças, não tia Rosa ?

— Eu não sei senhor....

Bebendo o ultimo gole foi pondo a mão no bolço e deu uma moeda de cinco tostões, muito loira, lusidia como uma esperança no berço.

A rapariga agradeceu com muitos *Deuses lhe ajudem.*

Com o cigarro na bocca Frederico passou á varanda querendo ver o jardim. Ouviu umas risadinhas atraz do paiol, e concluiu que seria por lá. Pouco depois appareceu D. Luzia para dar-lhe os bons dias.

Depois dos primeiros comprimentos elle disse :

— Bonita arvore aquella ; e apontou para os lados do paiol.

— E' verdade, é um angico.

— Ah ! supponho até ser medicinal.

— Faz-se, pois não, um bom xarope para o peito ; e querendo vamos até lá.

— Gosto muito de um jardim bem cultivado ; disse elle acariciando os bigodes.

Logo que passaram o portão que dava entrada na horta ouviram uns gritosinhos aqui, outros alli. Eram as mulatinhas que jogavam agôa umas nas outras com o regador de repucho.

— Que é isto, gente ? — disse D. Luzia.

Umas ouvindo a voz da senhora puseram-se quietas; outras encolhidas atraz das arvores vieram chegando

manso e manso para juncto da nhê-nhá. D. Luzia era caprichosa a respeito da quinta. Fôra casada com um homem que começou a fortuna por meio da botica. Foi muito acreditado; depois de casado, rico e afazendado, inda curava por favor.

Dispensou as drogas da pharmacia e plantou na quinta hervas e arvores medicinaes. D. Luzia com essa pratica continuava zelosamente o plantio e tratamento.

Applicava, tambem, em certos casos: nos escravos e nos aggregados da fazenda.

— Bonitos amores perfeitos !

— Que não estavam bons em razão do tempo ; e deu-lhe um.

— Agradecido !.. E fez uma cortezia tão accentuada que provocou o riso das mulatinhas que os seguiam de perto.

D. Luzia mandou as mucamas apanhar fructas.

A' esta ordem as mulatinhas desappareceram e d'ahi a pouco ouvia-se um chirlear vivo lá onde a arvore balançava a coma com o movimento que ellas faziam descendo e subindo. Frederico teve impetos de ir ver marmotas debaixo da arvore onde reinava a folia.

Um sol muito brilhante, rompendo as nuvens da manhã, dava uma claridade lisa e larga como um pregão em hasta publica.

E o ar muito sereno e humido, embebedado do perfume das flores, fazia sobresahir no aspecto franco da fazenda, uma felicidade legendaria.

Foram andando para o lado onde estavam as arvores plantadas pelo defunto marido ; e sobre uma e outra ella ia dizendo particularidades.

XVIII

Fantina indo para a casa levar as fructas, viu Daniel debruçado na varanda. Depois de guardar o cesto no armario chegou á varanda e disse a elle :

— Tão cedo, hoje ?

Elle voltando-se prendeu-a nos braços.

— Oh! Fantina, cedo para ver-te? E bejocavam-se. Ella dizia estar afflicta pelo dia de possui-lo. Sonhava muito com elle, dizia. E o Daniel chorava, emquanto ella o acompanhava limpando as lagrimas, umas grandes lagrimas de gratidão.

— Com que fim veio voce hoje aqui ?

— Trazer uma carta do Zé de Deus a D. Luzia. E as cousas não andam boas... E sacodia a cabeça desconsoladamente. Tua senhora quer casar-se com o *homem*, e o Zé de Deus e todos não querem, porque elle é um perdido, sem eira nem beira.

Fantina escutava aquillo com muita admiração, porque suppunha que as pretenções de Frederico não fossem tão longe.

— Pois é assim, e passava a mão pelo rosario de ouro que enrolava o pescoço della, é assim... quando o Zé de Deus sahiu d'aqui foi damnado, porque pedindo D. Luzia em casamento, ella riu-se muito e não deu resposta.

— Deveras ? disse Fantina abrindo muito os dous grandes olhos, que brilharam como jaboticatubas maduras.

— Está o diabo — dizia Daniel —, porque nós vamos ficando de peor partido. Abra os olhos com elle... que senão...

Fantina tinha o olhar baixo e chorava. Um gato dando com uma chicara no chão, lá na sala de jantar, os fez separarem-se.

XIX

D. Luzia procurava o lugar mais cerrado da quinta: queria o recolhimento, o silencio protector. Ella parada em um lugar pouco elevado fallava das arvores medicinaes e dizia as propriedades.

Aquella de folhas lançeoladas e flôres pedicelladas, é a bucuiba, muito boa no tratamento das feridas e ulceras.

Fallou do camaracá-yuva, muito empregado em infusões peitoraes; do coacicá, de ramos rasteiros e pubescentes, de flôres dispostas em racimos compostos, muito usado o leite que possue para curar as ulceras syphiliticas, do imbirú, cheio de raizes tuberosas, folhas oblongo-lanceoladas, empregado em banhos nas dores rheumaticas, e o succo dos fructos maduros nas dores de ouvido, do ipeuva, da familia das bignomiaceas, usadas como ante-syphiliticos e depurativos; do jaborandy, de ramos sarmentosos emquanto novos, e glaubros quando antigos, de flores hermaphroditas e fructos akenio-oval, cercados na base pelo resto dos

filetes, coroado de estigmas, e muito usado externamente contra picadas de cobras venenosas, e a raiz mastiga-se contra dores de dentes; do jiticucú, de folhas mucronuladas e flores solitarias pendunculadas e raizes lactescentes, aconselhado para purgantes nos animaes; do colossal jequitibá, cuja casca é um forte adstringente usado nas diarrhéas; da jubeba, applicada contra o catarrho da bexiga; do camarú, muito narcotico e revolutivo e diuretico; do aguaracuinha-áçu, de folhas decurrentes sobre o peciolo, cheirando a estramonio, empregado nas affecções cutaneas; da canjabá, de folhas onduladas, que usada em pequenas doses actúa efficazmente sobre o systhema lymphatico, e em maior é purgativa e emmenagoga; do tooiá, de folhas asperas e raizes sem tuberosidades, muito bom contra as febres putridas, e particularmente contra a syphilis. Encareceu muito a jurema, como efficaz nas leucorrheas. De caminho para casa ella raspou a casca de um sassafraz e disse ser o seu remedio para o estomago. E continuou dizendo que quasi nunca chamava medico para os negros; pois que applicava e era bem feliz. Contou que dous rapazes que estavam doentes, muito fulos, de gengivas brancas, palpitações e flacidez nos musculos, foram curados, havia pouco. Ella dizia ter percebido logo que soffriam oppilação, e applicou-lhes

ferro, e alimentou-os quasi exclusivamente a sangue de boi. E fazendo um gestosinho rasgado á guisa de estudante de medicina, sorriu-se. Frederico pasmava-se diante de tanta sabedoria.

Uma vez, na cidade, fez successo uma phrase sua, em que fallava de *amorose e anemias*; e o Zé de Deus sublinhou-a muitas vezes, affirmando que esses conhecimentos foram apanhados do marido, e dos seus livros, que apesar de serem francezes, ella os entendia, porque fôra educada nas irmãs de caridade.

XX

Estavam os dous á mesa do almoço quando Fantina entrou com a carta do Zé de Deus. Mastigando um pedacinho de frango, ella foi abrindo a carta e começou a ler. A paixão pelo rapaz que lhe caiu d'olho fazia-a descrente ; por isso dando uma risada frescalhona disse a Frederico :

— Já viu o que aquelle compadre das duzias falla do senhor ?

— Não ; disse Frederico, percebendo a enleada.

— Eu leio. Vêjam só até onde vai a insolencia. E começou a leitura da carta nos seguintes termos :

« Illustrissima minha respeitavel comadre, senhora D. Luiza Ferreira da Silva.»

« Que minha comadre e toda familia que habita o Ingaseiro tenham passado bem, é o que de coração desejo.

« Minha comadre, o negocio cuja importancia me obrigou a dizer-lhe a presente, é magno! isso juro pelas cinzas do mestre que me ensinou a ler e escrever, sem o que seria um burro.» Frederico ria torcendo o bigode violentamente e cravava os olhos no semblante de D. Luzia.

« Como minha comadre sabe, eu quando vinha de Sorocaba com a mulada, encontrei no arraial do Rabicho um homem que me fez certo serviço, que não posso deixar de reconhecer; mas esse mesmo homem é o Sr. Frederico que mora em sua fazenda. Eu não sou homem interesseiro. Quero é fazer com que a comadre fique com a *pulga atraz da orelha*; porque outro dia nada lhe convenceu. Hoje, porem, em vista do que vou contar, ninguem duvidará da verdade. A comadre me refusou para marido—o que nunca esperei—porque sou um homem solteiro. E isto só para gostar do Sr. Frederico, que não tem haveres, como eu, e é um desconhecido. Este Sr. Frederico é jogador e barganhista; aqui mesmo elle já passou uma manta no José da Trindade, ficando com quatro eguas por um burro velho e manhoso, e tambem já ganhou ciucoenta mil réis do Sancho da venda.

« Na noite da festa do Divino esse senhor *pintou o sete e rebocou e Simão*!

« Fugiu de sua casa, minha comadre, lá pelos fundos, de noite, e esteve n'um cateretê á rua do Carvão com umas perdidas. Tocou viola como um bebado, deu muitas umbigadas e cantou coisas porcas. O Chico Valamier sahiu furioso porque elle *botou* uns versos sujos n'uma mulher casada de poucos dias. Sapateou na sala com muito barulho, dando castanholas e berrando :

Caxorrinho está latindo
Lá atraz do limoeiro ;
Cala a boca, caxorrinho,
Não sejas mexeriqueiro. »

D. Luzia parou um pouco, vermelha e despeitada ; olhou para Frederico que estava desapontado e com um sorriso estupido morrendo no canto da bocca.

—Está vendo que homem ?

—Elle é um doido, minha senhora ; estava ebrio quando escreveu.

O diabo suppoz os outros por si, mas tudo eu deixo para a senhora julgar.

—Ah ! fez D. Luzia perturbada ;— eu não faço essa idéa do senhor, Deos me livre ; tudo é falso. Elle teve o desaforo de pedir-me a mim em casamento e eu res-

pondi-lhe com uma risada, por isso enfureceu-se. Esta é a causa.

— Inda bem que com a senhora os intrigantes não tiram palhinha.

— De certo.

E limpando muito a garganta continuou a leitura:

« Deu bordoadas em muitos, escaramuçou o resto; apagou as velas de cebo e ficou no escuro com as quatro *marchadeiras* daquella rua.

Um homem deste jaez não lhe serve porque desmoralisou-se em poucos dias.»

D. Luzia esteve um pouco no ar; mas os desejos, o amor que sentia pela musculatura athletica de Frederico faziam com que pendesse o seu animo para o amante accusado e se enraivecesse contra o Zé de Deos.

Depois chamou Fantina e perguntou quem fôra o portador da carta. D. Luzia sabendo ser Daniel ordenou a Fantina que o mandasse entrar.

—Nhê-nhá está chamando, Daniel.

—Para que Diabo será?

—Não sei; ella perguntou-me quem era o portador e eu disse.

—Estão com muita raiva do Zé de Deus?

—Não. Leram a carta e até riram.

—Pois olha que aquella carta tem *coisa*!

E entraram.

D. Luzia palitando os dentes mostrou a Daniel uma cadeira.

— Então, que foi que entrou na cabeça daquelle homem, Daniel ?

— Eu nada sei, madrinha ; fui o portador porque vinha para aqui.

Daniel interiormente gostava dos ataques contra Frederico ; mas em vista das risadinhas de D. Luzia e das chalaças de Frederico, descoroçoou.

D. Luzia nada deixou de dizer, e mostrou que o compadre era um grande miseravel. Um homem barbaro para os escravos, que viviam famintos, leprosos e mulambentos. Prendia-as no tronco por furtarem uma rapadura. Punha gancho nelles, algemas e batia muito.

Chegava a pontos, dizia D. Luzia admirada, de mandar amarrar uma creoula no cabeçalho de um carro, pô-la deitada de bruços, com as pernas unidas e presas; os braços passados por baixo e núa. Ainda mais, á vista dos negros mandava o feitor dar com um mólho de taquara quiçê nas nadegas que em poucos minutos dissolviam-se. Alliviada esta scena, ouviam-se outros gritos. Era o Zé de Deus, em pessoa que nu'm canto do terreiro mexia em um formigueiro de

ava pés e fazia uma creoulinha, ás vezes de quartoze annos, sentar com as saias levantadas sobre o formigueiro assanhado.

— E' um monstro, D. Luzia; fallava Frederico muito convicto.

D. Luzia continuando a narrativa sobre o Zé de Deus, disse, que elle possuia dois munjolos que socavam sabugos de milho ; e que tendo grande laranjal, alimentava os negros tres, quatro mezes com angú e laranjas.

O proprio Zé de Deus é que tomava conta das chaves, e recebendo o fubá do milho e do sabugo, fazia angú deste e vendia aquelle.

— De um homem que lambe o beiço das negras em dias de moagem para ver si ellas chuparam cannas, nada merece credito.

— De certo, concluia Frederico.

XXI

Vieram passar a tarde na varanda da frente, onde o sol deixára um calor morno, que ia desapparecendo com a viração macia e fresca que subia do rio, e punha uns fremitos avelludados entre as alegres folhas da gamibira, que bracejava aos lados das paredes. Ahi conversavam muito. Frederico animado pela liberdade que D. Luzia lhe dava, poude dizer palavrinhas *quebradas*. A noite encontrou-os ainda na varanda.

A claridade das fogueiras que as negras começavam de accender á porta das sensalas punha no ferro das enxadas amontoadas a um canto scintillações cruas.

A espaços saia lá dos fundos de uma senzala a voz dolente do africano que chorava as liberdades doces do Congo ; e essas cantilenas selvagens eram de uma sonoridade phantastica. Quando os sons do rude instrumento perdiam-se nas trevas, a Joaquininha soltava do teclado do piano as notas mugidoras do *Real Tambor*. A frescura do ar da noite embalsamada, os

cantares do preto que chorava saudades d'alem-mar, e o preludio que o piano já soltava das magneticas notas da *Batalha de Marengo*, provocavam desejos infindos, azues, no peito de D. Luzia, que suspirava.

Conversaram sobre o casamento e marcaram o dia.

Frederico animado pelo proximo poderio expandiu-se em protestos de fervoroso amor. Seu semblante illuminado pelos fogos de uma alegria san e feliz, promettia a D. Luzia gosos dormentes, de uma animalidade absorvente.

D. Luzia estava como um vampiro saido do ouco de um pau onde estivera preso por dias longos, expiatorios; ao passo que pela imaginação ardente de Frederico passava a figura alegre, moça e jovial de Fantina, cada vez mais attrahente e arrebatadora. Lá ao longe, n'um horisonte calmo e rosado tremeluzia uma estrellinha de affago e mansidão, que Frederico submetteria ao menor aceno da auctoridade de *senhor*, que em breve elle seria.

XXII

Daniel estirado sobre uma esteira roida que occultava umas taboas carunchosas pensava com receios tetricos no enlace da sua madrinha com Frederico.

Fantina sempre boa, cheia de medos, desde meninos quando brincavam o *tempo será* e ella não entrava nas furnas que elle abria nos montes de palha; lhe apparecia com o semblante pisado, os olhos chorosos e o corpo mordido dos herpes das sensualidades brutaes. Chorava diante delle e accusava-o de não tê-la furtado. E elle mordendo os punhos amaldiçoava a religião que o conteve. Depois chovia gritos, ais prolongados, gemidos pungentes, e o estalar do relho dilacerando as carnes que elle desejava morrer mordendo. Ella nas vascas da agonia infamante, que acabrunha, chamava-o ; e elle preso, longe, não a podia salvar. Daniel levantava esfregando os olhos e perguntava á sua velha mãe que cousa seria aquella de estar sonhando acordado. A boa velha com um timãosinho de baêta azul ao hombro, com o fuso cheio

de linha nas mãos, dizia-lhe que a causa era ter se deitado depois do jantar ; e que não caisse n'outra, porque o defunto marido da sua comadre, o Silva, que Deus houvesse nos reinos do ceu, já lhe fallava que era mau costume aquelle.

Chegava depois o Feliciano, seu visinho, e pedia a viola, e sentados á soleira da porta afinavam o instrumento.

O Feliciano passava por aquellas redondezas como o primeiro *pontista*; fazia da viola o que queria. Outros visinhos vindos da roça accendiam os cigarros e fallavam dos caetitús que destroçavam o milho.

— Póde acompanhar uma coisinha, tio Feliciano ? perguntou um truculento caboclo.

— Pois não, filho.

E correndo os dedos pelo *pinho*, este chorava como comprehendendo a vibração que o velho sentia quando o encostava bem ao peito. O caboclo limpando a guela prometteu cantar um *jongo* que aprendera com um tropeiro do norte.

D'ahi a pouco uma voz forte, de barytono, ia de valle em valle acordando os echos adormecidos no regaço das viridentes ramarias. A viola trinava soltando harmonias irritantes, de um tremulo cheio de sentimentalidades pagans.

Depois de diversos cantos e conceitos lorpas, repletos de desejos de cachaça e de mulheres em *sambas* livres, ouviam-se em voz cadenciada os versos da *orgia dos duendes* de Bernardo Guimarães.

XXIII

O grande relogio da sala de jantar marcava onze horas.

D. Luzia no seu escriptorio, onde havia ainda muitos frascos de remedio do tempo do Silva, escrevia cartas aos amigos convidando para o casamento. A liberdade entre os dous, a este tempo, já era grande. Por isso emquanto D. Luzia traçava sobre o papel bordado, muito flacido, as letrinhas finas, Frederico fumando remexia na estante que era a bibliotheca da casa. Elle que só cursara as primeiras letras não conhecia mais do que algumas obras recheadas de obscenidades nuas. Procurava alguma *martinhada*; mas abria um livro, era *A certeza do fim proximo do mundo, baseada sobre considerações philosophicas e bullas de muitos soberonos pontifices, bem como sobre o teslimunho de S. Vicente Ferrer, e sobre os signaes dos tempos em que vivemos,— resposta a uma carla d'um cura de provincia relotiva a essa questão, pelo abbade Marquy, traducção do Pimentel.* Abria outro, era a *Direcção* para

socegar em suas duvidas as almas timoratas, pelo venerando Quadrupani Tirava um mais escondido, roido das traças e cheio de pó, e era A mulher como deveria sêl-o, pelo revereudo Marchal. Já nervoso atirava-o no meio dos outros com força. Dava uma volta pelo quarto, vinha ver outro ; era *Fabiola* ou a *Igreja das Catacumbas*. Ficou com raiva e deu um muchocho alto.

D. Luzia virou-se e perguntou o que era.

— Não acho um livro, são todos de irmã de caridade.

E abanava a cabeça com ar enfastiado.

— Pois se não gosta desses, na ultima taboa ha alguns folhetos curiosos.

Elle riu, e uma idéa luminosa passou-lhe pelo cerebro : pensou achar o *Elixir do Pagé*, poemeto que só conhecia de tradição, mas que adorava. No primeiro que pegou encontrou o seguinte titulo : *Para que serve o Papa ?* Atirou-o para traz da estante. Viu ainda outro ; era *A agua benta no XIX seculo*, tudo do monsenhor Gaume.

— Nem o bispo terá tantos livros assim ! disse elle maçado.

D. Luzia olhou para elle com admiração, pois nunca

lera outros livros. *O Jornal do Commercio* era a leitura mais impia que fazia.

Frederico pediu-lhe que continuasse a escrever. Debruçado no peitoril da janella elle olhava a fonte onde algumas mulatas batiam e ensaboavam roupa. De saias levantadas até acima dos joelhos ellas mostravam ao sol o torneado macio das exuberancias carnaes.

Uma dellas passando perto da Josepha deu-lhe uma palmada. A offendida disse encolerisada.

— Viu passarinho verde, hoje ?

E partiram todas n'uma gargalhada biltre, esfrangalhada. Frederico meio occulto no vão da janella apreciava aquellas graçolas canalhas, de um descaramento nú e imprudente ; e lembrava-se dos tempos em que passeava seus desejos pelas *fontes*,esses bordeis ambulantes, onde á larga luz do sol se commettem immoralidades apopleticas.

Emquanto D. Luzia sahiu para entregar as cartas ao rapaz que esperava na varanda,Frederico chegou á mesa e leu a carta que ficara aberta. Era endereçada a uma antiga collega,que vivia criando os afilhados de um cura

A carta dizia:

« Minha amiga Marianna.

« Muito contente te escrevo esta. Junto de mim está tudo...

« Convido-te para de hoje a quinze dias vires assistir o meu casamento com o Sr. Frederico das Neves, moço de nobres qualidades e muito *prendado*.» E grifava esta palavra. « Dias de venturosa delicia estão reservados á tua Luzia !...

« Não fazes idéa como estou alegre e afflicta.

« Não faltes.

« Tua do coração.— Luiza. »

Frederico estava passeando pelo quarto e julgava-se feliz lembrando de Fantina e suas companheiras. D. Luzia chegando perguntou-lhe se não tinha convites a fazer.

— Convídarei alguns amigos mesmo d'aquí. Não convido os de minha terra porque não chegariam a tempo : para elles o *enveloppe de mãos* ; e punha-as nas formas rituaes.

D. Luzia ria-se, porque achava aquillo delicioso, celeste.

Da sala do jantar annunciaram o café. Entraram. Agora Frederico mesmo achava a interessante. Uma *toilette* bem arranjada a fazia elegante. E demais a alegria que banhava-lhe o semblante era meiga, attrahente, com visos de puberdade. A Joaquininha olhava estas scenas revoltada. Queria, tambem, um marido, um homem para si.

— Mamãe já nos teve a nós todos ; está velha, eu sim, preciso ;— dizia ella comsigo. E instinctivamente abotoava o corpinho do vestido que velava duas pomasinhas semelhantes ás ametades de uma melancia verde.

Tomou o café e safou-se. D. Luzia percebia a má cara da menina.

— Não está satisfeita ; dizia ella a Frederico.

— Arranjaremos o Antonico para ella.

— Mas elle anda tão impostor quando vem da Côrte, que nem dá fé.

A hora era de intenso calor. O sol cahindo muito a prumo feria as telhas que faiscavam. Nenhum signal de chuva marcava o céu, que tinha agora o aspecto de um lago de metal em ebulição. Frederico começava a saborear pelos longos dias de estio o preludio da vida de um pachá, tendo aos pés a captiva docil como a cera morna. Fantina chegou e poz sobre a mesa os jornaes vindos da cidade. Frederico só costumava ler o *Mercantil* muito enxovalhado que forrava o balção de uma taverna lá no Rabicho, mas, para mostrar-se digno da elevada posição a que a fortuna o guindava, correria os olhos naquelles.

Com o *Jornal do Commercio* todo aberto, elle olhava indifferente para as longas columnas.

D. Luzia perguntou se não havia alguma noticia acerca do visconde do Rio Branco.

— Supponho que não; disse elle um pouco atrapalhado com o tamanho do jornal e com a falta de pratica.

Ella olhou de lado para o jornal e deixou cahir esta admiração :

— Oh homem, está até no artigo de fundo !

Elle machinalmente fixou a attenção no folhetim.

— Póde ler alto, que desejo muito saber de alguma nova.

Com voz pausada e lenta, elle começou :

— « Punham a chave no buraco da fechadura quando um guarda apitou. Ouviram-se batidos de tacões que avançavam para o lado onde o assobio chamava. Querendo pular o muro visinho, um cão de fila ladrou furiosamente do lado de dentro... »

— Que diabo está o Sr. a ler ?

— Isto ! disse elle batendo na barra do jornal.

— Eu lhe pedi que lesse noticias do Rio Branco !

— Pois este Rocambole não é o mesmo ?

— Ora, ora, o senhor !

E suppondo que Frederico fizesse aquillo por chalaça, instou que lesse. Ao levantar os olhos sempre achou o artigo, com cuja leitura D. Luzia se enfureceu

pois via a passagem da lei de 28 de Setembro na camara dos deputados. Blasphemou muito e deu razão a Frederico, dizendo que Rocambole valia mais do que o homem *que queria forrar o que não era seu.*

XXIV

Fantina chegando á sala fallou em roupas. D. Luzia pedia licença a Frederico, dizendo ter de fazer uns arranjos.

Alli enrolando um cigarro elle olhava seriamente para um sabiá muito arrepiado que sacodia as azas dentro da gaiola.

Teve vontade de soltal-o ; achava-se tão feliz que queria ser generoso dando a liberdade áquelle cantor que havia annos carpia na prisão os seus amores já emergidos nas sombras do occaso.

Foi para o quarto e lá estirado na cama dizia estar quebrado do calor. D. Luzia no bulir em roupas de certo bahú achou uma *Gran-Cruz do Habito de S. Bento de Aviz*, que fôra do seu defunto marido, e mandou Fantina mostral-a a Frederico. A mulatinha correu os olhos pela sala e vendo-a vasia, comprehendeu logo que elle estava no quarto. Chegada á porta teve vergonha de bater, porque dentro o catre estalava.

— Dá licença ? disse ella meio aturdida.

Aquella voz vibrou n'alma de Frederico como um fio de magnesie, e de um salto abriu a porta. Elle teve vontade de tranca-la, amordaçal-a com os lençóes se ella quizesse gritar, mas o medo deteve-o. O leão faminto escondido no juncal deixou passar a presa imbelle e ficou chumbado ao chão. Nervoso, passeava pelo quarto os seus odios contra os dias que faltavam. Fructos amadorecidos pendiam dos ramos; mas se elle fosse apanhar um, suspendiam-se todos. Praguejava contra o tic-tac monotono do relogio que parecia dar horas de seculo em seculo. Desejava o *conjugo-vos* como a materia cahotica o biblico *fiat luz*.

Depois do jantar Frederico acompanhado do pagem Fortunato seguiu caminho da cidade cavalgando o palafrem de D. Luzia.

XXV

A tarde cahia tristonha, e o ar doente da luz que morria despertava desejos de festas, de dansas, de pandegas.

D. Luzia antes queria ter acompanhado Frederico á cidade.

O latido preguiçoso de um cão perto da porteira annunciou a chegada de Daniel. Fantina sentada no angulo da varanda levantou-se logo que o vio. Estava com saudades delle e recordava-se dos sonhos que tivera durante as longas noites em que suas companheiras cabeceiavam fallando dos caxeiros e do Antonico. Quando Daniel subia a escada D. Luzia disse :

— Pode entrar, seu ingrato. Por onde tem andado tão somido que ninguem lhe põe a pista ?

— Por ahi mesmo, madrinha.

Sob os olhares de D. Luzia nem a mão Daniel dava á Fantina.

— Adeus Fantina, adeus seu Daniel, nisso cifravam-se as saudações.

— Vindo da cidade, madrinha, o Zé de Deus entregou-me esta carta para lhe dar.

D. Luzia admirou-se do compadre escrever-lhe depois das scenas passadas, mas foi logo rasgando o papel para ver o conteudo.

Emquanto D. Luzia decifrava os hieroglyphos do compadre, Daniel com olhos de coelho adormecido interrogava o semblante de Fantina que sorria-lhe.

Para Fantina o olhar de Daniel tinha um fluido doce que a punha n'um estado morbido. Suas vistas desconfiadas de ciume interrogavam os ricos contornos de Fantina acerca de Frederico. Procurava ler nas veiasinhas da mão della quantas palpitações aquelle coração que considerava feito de amor, alvorada e leite, tivera por elle, que a adorava com os ardores viris do sentimento acrisolado, e com os impetos celeres de uma carnalidade selvagem.

— O compadre Zé de Deus é um patusco ;— disse D. Luzia rindo e pondo a carta sobre os joelhos.

Daniel achou prudente concordar, por isso, meneou a cabeça affirmativamente. O Zé de Deus derreteu-se na carta em pieguices de um sentimentalismo tolo ; tinha porventura esperanças de supprir alguma falta.

Estava D. Luzia, pois, resolvida á convida-lo. Que-

ria ve-lo dançando o fandango na sala grande da fazenda em voltas bruscas como o cão envenenado com o pello da taquara quicé.

Sabendo que Daniel ia no dia seguinte ao Ribeirão, ella levantou-se e foi responder a carta. Fantina fez o mesmo ; mas Daniel lançou-lhe um olhar tão magnetico e supplicante que da porta, ella prometteu voltar.

Uns desejos dengues, cheios de calor, de beiços rubros, queriam juncto de si a carinha fresca e tenra de Fantina.

Havia agora em Daniel uns presentimentos vagos como os vôos da gaivota por cima de um lago.Grande era o desejo de abraça-la, beija-la,e muito e todos os dias.

Logo que D. Luzia começou de escrever, Fantina, do vão da porta da sala, fez signal para elle espera-la na porta do quarto de Frederico. Assim como o gavião paira nas nuvens, desviando-se das fumaradas da queimada, e, tremente, colhe as azas e sibilla no ar como uma bala, e vae alevantar nas unhas a magnetisada jararaca que fugia das chammas crepitantes, Daniel correu para o logar indicado. Não tardou muito, Fantina appareceu toda medo, com o coração batendo muito, e cahiu nos braços delle que cingiu-a ao peito como a giboia que prende o inexperto novilho á beira das lagôas.

— Oh ! Daniel, assim não ! podem nos ver. Deixa-me por amor de Deus, e empurrava-o.

Mas elle refreando-se, atando ao rochedo da razão os desejos doidos que o feriam, soltou-a, pedindo-lhe que abrisse os olhos com Frederico, que era homem perigoso. Um barulho de chaves lá dentro separou-os como um tiro n'um bando de pombos torcaes.

Já foi com a claridade da lua que se mostrava muito pallida, muito anemica, que Daniel cavalgou pela estrada de sua casa.

D. Luzia voltou á varanda e distrahida contemplava uma porção de creoulinhos que brincavam no terreiro. Com o pensamento concentrado naquelles *animaes domesticos*, ella considerava a sua fortuna crescente, mas logo uma sombra negra como a desgraça a enlutava.

O nome de Rio Branco passou-lhe pela mente como um condemnado de Dante. Tremia, fazia promessas ao *Senhor Bom Jesus de Mattosinhos de Congonhas do Campo*, para que Rio Branco nunca realizasse sua idéa. Concorreria com vinte contos se alguem pudesse burlar o plano gigante.

D. Luzia foi educada no collegio de irmans, mas não primava pela caridade; pois não se compadecia dos miseros parias condemnados do berço ao supplicio dos ganxos e das algemas.

XXVI

Tempos depois, em uma varanda ao lado da sala de jantar, via-se uma gamella cheia de comida. Alli reunidos, os creoulinhos comiam, e se acaso um *rio branco* gritava, o remedio era uma varada pelas costas. Sempre em fraldas de camisa os *riobrancos*, quando creoulos eram fulos, muito barrigudos, de pernas finas e cheios de monco. Para uso dos captivos D. Luzia tinha mais parcimonia no emprego das substancias medicinaes; porem os *rio-brancos*, quando doentes, tomavam uma infusão de cachaça e carqueja, ou um purjante de jalapa, que repetido punha as crianças d'um aspecto esqueletico. De olhos fundos, bocca transida, a planta dos pés côr de açafrão, tal era o typo desses meninos. As lombrigas nos captivos eram curadas com santonina: nos outros applicava-se uma massa de rapadura com mamona brava.

XXVII

N'uma manhã D. Luzia acordou e poz-se a pensar em Frederico.

Não dava credito ás intrigas do compadre ; mas lembrava-se da cidade, da Silveria, a do vestido côr de canna, com um penteado muito alto e cheirando a cravo; da Virginia do Engracio, que andava sempre nos passeios da tarde, de vestidos de ganga, muito engommados, e que no andar produzia um *rou-rou* encommodativo, de arrepiar a carne. Nessa mesma manhã Frederico acordou com o rumor cheio que invadia a fazenda. Perguntou á Rosa quando lhe levou o café muita coisa de Fantina e do tal Daniel. Soube o que havia entre os dois e concluio dizendo que os casaria. Que podia a tia Rosa dizer isso mesmo á *menina*.

Todo esse dia D. Luzia passou azafamada, dando ordens, ensinando e fazendo serviços. Achava-se alegre, cantava ; e com uns garganteados petulantes dizia :

« Se eu soubesse que no mundo
Existia um coração,
Que só por mim palpitasse

De amor em terna expansão,
Do peito calara as magoas,
Bem feliz eu era então.»

Ella bracejava n'um lago de alegrias fortes, e sempre que se approximava do quarto de Frederico sentia um prurido discreto, e com voz doce garganteava :

« Nos teus sorrisos
Mil paraisos
Eu sonho ver.»

Frederico ouvindo repetia comsigo :

—Vai haver uma boa pandega !

XXVIII

Era de tarde.

Negros carregando latas de roupa de convidados e de muzicos chegavam. D. Luzia com um riso cheio de bonhomia acommodava uns e outros, fazia offerecimentos e mandava preparar a sala grande com placas pelos portaes, para uma *vespera*. Frederico era em todos os pontos de conversação alvo de cortezias e attenções Até as duas horas da manhã ouviram-se os sons abafados das rabecas e das clarinettes, que morriam em somnolenta walsa. Moças de vestidos brancos engommados, faziam *rou-rou barato* quando voluteavam abrindo a bocca com olhos de somno, *quebradas*. A's onze horas da manhã, em larga meza, muito cheia, via-se a figura do Zé de Deus que chegara cêdo. Pelo vermelho do seu rosto inferia-se que as libações eram copiosas. De repente elle levantou-se e limpando a garganta ia fallar. Bateu com um copo n'outro, e logo que os ouvintes olharam, deixou cahir o seguinte dos labios até então silentes: « Senhores amigos da—Fazenda do Ingazeiro,

hoje é um dia de contentamento (e suspirava limpando o suor) porque a comadre vai tomar estado. Eu sou incompetente para fallar de suas qualidades; (ouviram-se uns não apoiados á esquerda) mas sem ser uma intelligencia como Camillo Castello Branco, irei com tudo dizer alguma cousa. Eu sempre fui amigo da comadre e si não tornei-me parente della... (e deixou correr duas lagrimas) a culpa foi da má sina que me persegue. Si dessem á mim um throno, eu punha a comadre em cima delle; mas a minha saude precoce não me permitte ir adiante.»

Deixou cahir na cadeira o pesado corpo, e a cabeça pendeu-lhe para um lado como um ôdre colossal. Duas horas depois elle dormia um somno apopletico. Já haviam celebrado o casamento quando elle melhorou, graças ás capsulas do ether.

Reinou todo esse dia uma alegria ingenua, cheia dessas manifestações francas e leaes, que caracterisam o rir jovial dos homens rusticos. A' tardinha, pelo pomar, pelas proximidades do rio, diversos grupos se refocilavam. Quando o sol muito esfalfado, com fulgores cadavericos mergulhava-se atraz dos montes, as sombras invadiam os valles. Era a hora da lucta epica entre a luz e as trévas, e estas varrendo aquella, davam a imagem do berço e do tumulo. Uns sons muito quen-

tes da muzica em distancia vieram interromper o colloquio entre Daniel e Fantina, os quaes retirados do borborinho abafado que havia pela casa fallavam dos tropeços do presente e das peripecias do futuro. Quando D. Luzia estava rodeada de velhas e moças frescalhonas, que saracoteavam em requebros de quadris, Fantina fallava á Daniel sobre o medo que tinha de perdel-o.

Muito unidinhos no tendal, com as mãos enlaçadas, olhos embebidos uns nos outros, chorando de quando em quando os dois amantes consultavam um plano de salvação. D. Luzia não consentia que ella se cazasse captiva, e tambem não a libertava sem os dois contos. Daniel já estava resolvido a furtal-a e pedir aos bosques, aos céos, ou aos mares um canto para si.

Fantina muito afflicta, apertando-lhes as mãos, como querendo invocar toda a actividade delle disse :

—Como ha de ser, Daniel, si *elle* me começar attentar ?

—Não faças caso ; e chega-te bem a D. Luzia.

Daniel contou-lhe que sahia por aquelles quatro dias com o Manuel do Rosario, e que se demoraria um mez fóra.

Fantina sahiu chorando.

Muito abstracto Daniel alli ficou. Parecia-lhe ter

acordado de um sonho perseguido por pesadellos lividos, em que animaes titanicos lhe mordiam a cabeça ; e correntes mugidoras cahiam por algares medonhos soluçando um dobre de finados. Elle procurava combinar as idéas, ir collocando uma atraz de outra e depois examinar o quadro ; mas corriam desordenadas, fugindo para longe, muito longe, cheias de terror : deixavam-n'o com o craneo ermo como a sala donde se tirou um esquife mortuario.

—Que máo estar este meu, disse Daniel sahindo.

XXIX

Ás seis horas as rabecas chiavam no vasto salão da fazenda.

Placas pelos portaes com velas de espermacete, muito compridas, parecendo uma columna derrocada, davam uma claridade mansa.

Frederico apesar de bisonho em danças serias, comtudo havia de dar uma corrida com a noiva. Quando o voltear das quadrilhas começou com cerca de vinte pares, Fantina foi para juncto de Daniel.

E emquanto os cavalheiros, de fraques curtos, parecendo por detraz uma thesoura em movimento, gravatas muito pintadas e com uma volta só, calças brancas, rugidoras e curtas, deixando apparecer o elastico esfrangalhado das botinas, diziam *coisas amaveis* e faziam tregeitos truanescos, de marionetes em operetas bufas; Fantina e Daniel choravam.

Aquella comparava a sua sorte e condição com as daquellas pessoas que folgavam, este lamentava não poder leva-la até onde chegavam seus arrojados pen-

samentos. A's tres horas ainda dançavam ; porem, a maior parte dos convidados, estirados pelas camas e bancos, recuperavam o alento perdido em duas noites de vigilia.

Frederico foi para o thalamo sellar o pacto ; mas aos carinhos da esposa elle preferia estar no batuque, que estrugia na cosinha. Quando os cantares livres, repassados de amabilidades libidinosas chegam-lhe aos ouvidos, elle revolvia-se no leito como Procusto. Com grandes *houfs* accusava o calor.

Ao o outro dia, á excepção da collega de D. Luzia, a que criava os afilhados do cura, todos os convidados tinham partido.

XXX

Frederico ruminava o seu plano como um boi á tardinha deitado na praia.

— Bem me dizia o Manoel da Ponte, que minha sina era bôa. Bem empregados que foram os dois mil réis que lhe dei para ler a boenadicha. Passei sempre descuidado do futuro. Contava certo que, mais tarde ou mais cedo, a sapucaia havia de cahir com a arara presa pelo pescoço.

Assim pensava Frederico olhando a linha de sensalas que começavam de illuminar-se com o fogo, regalo do negro cançado, que descantando ao som do urocunga esquece magoas velhas e saudades dos seus combustes areiaes. Nessa noite elle deitou-se cedo, ouvindo o arfar dos largos pulmões da borrasca que tingia o horisonte lugrubre.

Corria o mesmo viver pacato, sem inccidentes; e apezar dos tregeitos arrebicados, *dona* Luzia já não

achava nelle o *tic* dos encantos que a imaginação phantasista creava em dias ardentes, cheios de desejos animaes.

Frederico mostrava-se poltrão, um homem sem fogo.

Tinha como *post pastum* amendoim com leite. Esse aphrodisiaco, porem, não o demovia.

Ao meio dia deitado n'um estrado da varanda, elle saboreava o cigarro vendo os rolosinhos de fumaça subindo em carações diaphanos.

Pelas grades muitas mulatas costureiras trabalhavam.

Ugolino em sua torre de ancias não desejaria um pedaço de carne com mais ardor do que Frederico um olhar de Fantina. Esta andava arisca, fugia das suas vistas como a jurity do gavião que espreita do cimo da bicuyba. Agora de pé atraz de D. Luzia, Fantina *catava*, dando catunés na cabeça da senhora que lia as *Horas Mariannas*.

De quando em quando Fantina olhava para o terreiro em busca da estrada, como evocando a sombra de Daniel que havia tantos dias, partira com a tropa.

Na posição em que Fantina estava, Frederico via-a por detraz; e então, contando os canudos dos cabellos negros como anuns, e vendo o talhe correcto que

descia emoldurando contornos exuberantes, cheios de carne macia e quente, revolvia na mente idéas de sensualidade canalha.

— Escapará das garras da raposa a debil franga? —dizia elle em monologo intimo.

Levantou-se do estrado e foi ver o café que pilavam.

A bôa Roza com o abano collocado sobre os joelhos, soprava os grãos á proporção que o engenho tirava as cascas.

— Então, tia Roza, quanto já fez hoje?

A velha mulata atirou o café do abano dentro do tanho, e concertando o cumbá com um riso de amisade e respeito, respondeu:

— Sinhô não vê que sua negra anda um pouco fraca? Já se foi o tempo em que dez alqueires passavam por alli n'um dia;—e mostrava o abano.

— Qual, você ainda está muito forte. Tempo virá em que você hade viver aqui perto n'uma casinha com seu neto João. Elle como meu campeiro e você como minha criada de pintos.

— Ah! sinhô, quem sou eu? Sua negra não tem mais esperança dessas coisas.

Frederico viu chegar o momento de lançar uma semente de fé naquelle coração safaro e combalido pelos sóes dos desenganos amargos.

— Pois se você quizer, tia Roza, fazer uma coisa que eu cá sei, muito breve você fica forra.

A mulata concertou o lenço da cabeça e riu um rir franco e bom, onde passavam os choques de esperanças brancas como capuchos de algodão.

— Tudo quanto sinhò mandar, sua negra está prompta para fazer.

— Então,—disse Frederico correndo o olhar em torno para certificar-se de que não era ouvido,—então quero que me arranje a Fantina. Você deve passar nella a lingua e ver; se ella quizer, eu prometto liberta-la no dia seguinte.

Veja se o negocio fica em segredo, porque D. Luzia sabendo bufa commigo. E sacodia a cabeça, com as mãos mettidas nos bolços das calças, olhando a velha meio espantada.

A Roza comquanto desse a vida pela liberdade, todavia estranhou a pretenção do senhor casado de fresco.

— O negocio não é de temer,—ajunctou Frederico—; não deixarei acontecer nada a você.

Roza ficou de dar a resposta ao outro dia; mas desde esse momento não pôde mais trabalhar.

Ficou esmagada sob o peso da liberdade futura como uma formiga debaixo dos tacões d'uma bota.

Afinal, depois de muito esgaravatar no cerebro, como um tatú n'um cemiterio, rutilou no seu espirito uma idéa esplendorosa.

XXXI

A mucama de quarto e de toda a confiança de D. Luzia era Fantina, que tomava conta das chaves dos estojos onde se guardavam as joias e pedrarias.

D. Luzia possuia um grande estojo de jacarandá preto, com frisos de vinhatico, o qual tinha uma chave de ouro.

Roza lembrou-se de furtar essa chave, esconde-la; e quando Fantina estivesse afflicta procurando-a, então ella faria a proposta de Frederico.

XXXII

Roza estava preparando atraz da cosinha um barreleiro, quando Fantina passou com um jarro na mão.

Roza seguiu a Fantina para a fonte. Quando, porem, Fantina passava por uma tabôa muito coberta de limo que servia de pinguella, Roza que estava atraz fingiu escorregar, e gritando Jesus! caiu agarrando-a pelo vestido. Fantina com o susto e a força de Roza, tambem cahiu sob o jarro d'agua.

Ambas ficaram molhadas e sujas de lama.

Sobiu a escada acompanhada de Roza, e ao chegar á cosinha deu á Adelina o jarro que era para o quarto da nhê-nha. Fantina foi para o quarto mudar a roupa, e justamente no momento em que tirava o vestido molhado em cujo bolço estava a chave do estojo, entrou Roza com uma chicara de café.

— Toma, filha, que molhar a estas horas pode fazer mal.

Ainda com o novo vestido desabotoado, Fantina tomou a chicara e poz-se a beber o café. Aproveitou-se Rosa disto, e estendendo o vestido molhado no peitoril da janella, metteu a mão no bolso delle e tirou a chave.

— Fica aqui para não criar tico, menina, disse Rosa retirando-se com a chicara.

Rosa lá pela cosinha exhultava, dando risadinhas gostosas, dizendo graçolas de amuar.

Toda a tarde ella esteve sentada atraz da casa remendando umas camisas do *pae* Joaquim.

Quem por alli passasse, ouveria um cantar baixo, mas de um timbre vibrante, como o de quem cheio de prazer, procura derramar um pouco da ventura que escorre pelas bordas do cyatho da vida.

XXXIII

Nas abas da serra do Pomba, em um campo de limitado horizonte, onde via-se o dorso negro da serrania semelhante á enorme cauda de uma buisininga colleando entre as nuvens de um retinto lavado, Daniel cantava ao som da viola.

No rancho sem paredes, tendo apenas uma coberta de telhas denegridas do roçar dos annos, elle soltava harmonias saturadas de lancinante saudade. Seus companheiros deitados em couros fóra do rancho tomavam o fresco da noite povoada de todas as attracções magneticas de um luar lendario.

Daniel encostado aos balaios pensava em Fantina.

Como Haydéa, elle pelos olhos d'alma via o encanto da amante, e quando a viração impregnada do perfume doce que sahia das flôres das piunas passava-lhe pela fronte, suppunha o halito quente do peito que tantas vezes arfou sobre o seu. Lembrava-se de Fantina, e a idéa do marido de D. Luzia tentar contra ella fazia-o tremer. Involuntariamente elle apalpava a faca, como que viesse ante seus olhos assombrados uma cabilda de salteadores.

XXXIV

Emquanto D. Luzia estava no banho Fantina foi ao armario para lambiscar. Nisto Rosa approximou-se della e disse :

— Menina, quero fallar com você, e afastou-se para o corredor que dizia para o tear.

Fantina mordendo um pedaço de queijo, e innocente como um sonho em manhã de primavera, acompanhou a velha. Suppunha ser alguma noticia de Daniel, porque havendo rancho nos pastos da fazenda, outros tropeiros podiam têl-o visto. Quando, porem, ouviu de envolta o nome de Frederico quiz correr, mas a velha segurou-a dizendo :

— Não, não pode ser assim, menina, é preciso arranjar a vida.

Eu tambem já fui como você, cheia de medo, de quindins, hoje sou vacca solta que lambe-se toda.

Fantina vacillou como bebeda, quiz gritar.

— Aceita, menina, que você será feliz e eu tambem. O melhor é deixar o tal Daniel que é pobre e nada pode dar. Cá você fica arranjada, tudo quanto quizer, terá.

— Não ! tia Rosa, não me falle nessas coisas feias. Antes morrer captiva, debaixo de ferros, que esquecer-me de Daniel.

E fugiu das mãos de Rosa.

XXXV

Havia muito tempo que Frederico dormia em leito separado ao fundo do quarto de D. Luzia, pretestando muito calor. Sobre a madrugada, quando mais pesado cahia o somno, Frederico ia ao quarto de Fantina que como uma pomba entre arminhos, só deixava ouvir o arquejar compassado do peito. Temendo barulho, opposição, elle respeitava a castidade de Fantina. Pelos leitos das outras elle fazia correrias aos beliscões e pontapés daquellas que acordavam sobresaltadas.

De volta para o quarto de D. Luzia elle passava a mão sobre Fantina, sentia formas avelludadas de uma macieza gostosa, mas retirava-se com as pernas tremendo como dous juncos batidos pelo sopro do vento.

XXXVI

Tendo acabado de almoçar Frederico foi passear á roça.

D. Luzia entrou para o escriptorio e chamou Fantina, que appareceu-lhe como sempre trazendo um riso alegre nos labios vermelhos. Fazendo diversas perguntas a respeite de Frederico e de Rosa, D. Luzia obrigou Fantina a contar tudo quanto sabia e a prometter opposição á vontade do senhor.

A' Rosa estava reservada outra sorte de interrogatorio.

D. Luzia chamou a Felisberto e levou Rosa ao paiol onde estavam os instrumentos do castigo.

Mandou amarrar a rapariga a uma escada, levantar impudentemente as saias e applicar ás nadegas cincoenta vergastadas. Ainda não estava a execução no meio e já o sangue ensopando o instrumento corria pelo chão, e nem um grito. Só se ouvia um gemido cavo que sahia pelas narinas, porque a bocca estava sobre um pau e calafetada com pedaços de algodão. O olhar

de D. Luzia tinha uma immobilidade assustadora. Quando as pontas do couro espicaçando a carne fumegante atiravam pingos de sangue sobre o vestido de D. Luzia, esta dizia ao rapaz :

— Olha que te faço vir enxugal-os com a bocca.

Quando o algoz tirou as cordas e a mordaça, foi preciso levantar a rapariga, que tão tremula estava, que não podia sustentar-se de pé.

Então D. Luzia chegando perto perguntou á castigada :

— Que tal, senhora alcoviteira ?

Nada respondeu, e só deixava se ouvir o borborinho da respiração contida e dos soluços cortados.

No olhar que a rapariga lançou sobre a senhora havia um curiscar de fluidos enraivecidos que abraçavam-se como dardos para a vingança.

O suicidio passou-lhe pelo espirito como a ponta da aza de um corvo, mas ella pensou, lembrou-se da vingança que o sangue que ensopava o pó estava pedindo, e enchotou aquella idéa como a um cão leproso.

— Para vingar-me preciso viver. Meu sangue em poças humedece a terra.

Rosa remordendo-se interiormente não dava tregoas á imaginação, procurava, apalpava, evocava memorias adormecidas pelo tempo.

Afinal lembrou-se do *pae* Joaquim.

Qualquer raiz venenosa que martyrisasse por muito tempo, era o que Rosa queria ; não desejava matar a senhora do primeiro golpe. Iria destruindo-lhe a vida paulatinamente.

Ao cabo de alguns mezes ou annos arrastados pela via dos soffrimentos atrozes, que se apagasse a luz da lampada funesta.

D. Luzia usava á sobre-mesa comer sómente doce de cidra ; por isso ao lado das muftas iguarias estava sempre uma compoteira destinada a ella. Gostava do sumo forte que apertava o paladar. Por ahi achou Rosa porta larga, de uma largura feliz, onde passariam os corrossivos mais destruidores.

Consultando ao *pai* Joaquim, conhecido pela alcunha de *Feiticeiro*, elle impoz como condição, que Rosa lhe desse duas camisas de flanella.

O *pai* Joaquim era um typo africano dos mais repugnantes ; sem dentes, de beiços muito cahidos e grossos, pernas tortas e pés de uma deformidade phantasiosa.

Este negro era na fazenda rodeado de prestigio tal, que temiam-lhe até o olhar, que segundo diziam, fazia cahir o cabello e apodrecer as unhas. A habilidade de applicar os venenos scepticos elle a possuia em alto gráu.

Em um domingo, perto de onze horas, quem estivesse na varanda da fazenda, e olhasse para a volta do rego que trazia agua aos engenhos, havia de ver sob um sol alto e alegre como um olho de sentinella, a figura do *pai* Joaquim com a foucinha ao hombro e um samburá na mão, em caminho da matta. Ao pôr do sol voltou.

Conferenciou com Rosa ensinando-lhe o modo de applicação e entregou-lhe um embrulho de raizes e cascas, que ella logo occultou nas dobras do cumbá. Dizia o *feiticeiro* que aquelles *remedios* applicados simultaneamente na dose de um cabo de colher, produziam falta de appettite, grande ardor nas pernas e frieiras entre os dedos.

XXXVII

Dois mezes depois D. Luzia sentia-se doente, triste. Já havia consultado a varios medicos; mas mesmo assim resolveu ir á cidade ouvir uma missa.

Fantina a muitos dias já andava afflicta em procura da chave, e agora que ia por de mão os preparativos da senhora, ficou aterrada. A idéa de aborrecer a nhênhá tão doente opprimia-lhe o coração amoroso.

Poz-se em procura da chave com sofregridão espantosa.

Muitas horas trabalhava debalde.

Rosa percebendo isto não se mostrou resentida. Quando Fantina luctava para arredar um caixão na despensa, Rosa chegou, e depois de saber a causa daquelle trabalho, disse :

—Fantina, eu supponho que a chave foi achada, e por isso é tolice você estar procurando.

Diante desta consideração desanimadora Fantina prorompeu n'um chorar hysterico, dilacerador.

—Como ha de ser então? Nhê-nhá tão nervosa e doente sabendo disto é capaz até dar-me pancada, tia Rosa! Ella estima muito aquelle estojo, e ainda mais a chave que foi feita com ouro tirado pelo pai della quando garimpeiro na Bagagem.

—Socega, menina; o unico remedio possivel é mandar fazer outra.

—Não tem tempo, porque amanhão ou depois ella póde precisar das pulseiras e dos brincos. E demais, quem me havia de arranjar isso?

E continuava soluçando.

—Pois então vá pedir a sinhô Frederico a que elle tem, que talvez sirva.

—Mas como hei de obtel-a nas mãos para experimentar?

—Nada mais facil,—continuou Rosa,—vá onde elle está, e logo que você pedir elle dá.

—Não! tenho muito medo delle; *aquillo* que você me fallou é muito feio! porque eu quero me casar com Daniel que me estima tanto!

E a voz lhe sumia entre o soluçar convulsivo.

Fantina era forte na musculatura, mas impressionavel como a flôr tirada da sombra e exposta aos raios lubricos do sol tropical.

—Desta maneira nada você arranja. Vá pedir, e se elle exigir alguma cousa em paga, e se você não der já, ao menos prometta; senão elle vê que é por causa de Daniel e póde mandar leval-o para soldado.

Depois de muitos acoroçoamentos Fantina resolveu ir pedir a chave ao senhor.

D. Luzia tivera um accesso e foi deitar-se.

Frederico esteve pelo quarto, e afinal sahiu assobiando uma mashurka que aprendera com a Joaquininha.

Fantina indo ter com sua senhora, esta mandou-lhe buscar ao jardim umas folhas de malvas para banho.

Uma fachada de luz bruxuleante partindo das senzalas é que punha um lusco-fusco triste lá pela varanda. Corria pelo ar um magnitismo dormente de envolta com as baforadas mornas do sol da tarde. Fantina vio Frederico debruçado á um canto da varanda; quiz voltar e mandar outra apanhar as folhas. Lembrando-se, porém, da chave teve animo para lutar e chegou. Apanhou as primeiras folhas que encontrou; approximou-se de Frederico, e narrou-lhe o occorrido.

—Dou a chave Fantina, que ha de servir, mas quero que você me dê uma cousa.

Ella quasi fugiu correndo, mas a mão possante de Frederico deteve-a. Um grito de susto escapou-lhe da garganta.

—Gosto muito de você, Fantina. Hei de um dia casar o Daniel com você.

E segredando-lhe uma palavra, ella tremeu da cabeça aos pés como se fôra batida por duas desencontradas cargas electricas. Fantina nesse momento viu o grande e phantasioso castello de seus desoitos annos sadios, edificado com risos e temores, esperanças e beijos quentes, ruir.

Frederico não podendo dominar-se, agarrou-a fortemente pelas mãos, e cingindo-a ao peito, imprimiu-lhe na face que abrazava, beijos absorventes, devoradores, onde derramou toda a ancia animal de sua natureza potente.

Fantina quiz gritar ; elle largou-a temendo que D. Luzia soffresse mais no seu physico arruinado.

Quando Fantina deu fé de si, sentiu na mão um objecto frio : era a chave. A féra depois de ter sentido o gosto do sangue da preza, e de apalpar-lhe as entranhas trementes, soltou-a.

Em outra occasião, porém, ella esperava embebedar-se das fragancias macias daquella rosa de Jericó, candida e avelludada como o lyrio de Geslaad.

XXXVIII

Os males de D. Luzia progrediam ; todos os symptomas de envenenamento appareciam. Só depois do dia bem alto é que ella se erguia do leito, em cujas bordas se via uma mezinha recheiada de vidros e embrulhos.

Alguns facultativos já haviam manifestado opiniões tristes : indagavam, escutavam, e afinal o diagnostico era hypothetico ; porque os enfartes lymphaticos, as ulceras escrofulosas eram de um caracter *sui generis*. Dôres agudas nas articulações tarsicas dos pés, acompanhadas de inchação, faziam pensar em um rhematismo gottoso.

Depois de muitas receitas improficuas, Frederico resolveu ir á capital da provincia, onde com grande e justa fama corria o nome do Dr. Eugenio Nogueira, de muito tino e d'uma prudencia nunca vista, diziam.

Durante o plano da viagem Frederico luctou com a tenacidade olympica de Daniel, que malograva os seus intentos de corrupção. Muito enraivecido procurava

um meio de remover do caminho aquelle rochedo de granito. Afinal Frederico lembrou-se de um meio: havia poucos dias que apparecera um homem todo esfaqueado nas terras da fazenda, e procediam á severas indagações policiaes. Lembrou-se então de apontar Daniel como cumplice ou auctor do crime.

Gozando da supermacia que dá a riqueza, impoz ao delegado a prisão do rapaz. Fantina soube, chorou muito e quiz suicidar-se atirando-se ao rio; mas Daniel ainda solto, encorajou-a. Batida todos os dias pelos argumentos vibrantes de Frederico, a fragil mulatinha parecia uma rocha onde as ondas em um remegir lacoontico arrastavam-se, espadanando-se em reconcavos de surdos escarcéos. Por momentos dir-se-hia sepultada nos horrores da perdição; mas, quanto mais subia a onda inimiga, tanto mais alta sobrenadava a arca de seus votos ardentes.

Partiram para a Capital, e Daniel corrido, perseguido por todos os lados, foi victima da sanha policial. Com a casa cercada por deseseis praças mercenarias, o rapaz tomou a faca e a garrucha, subiu ao tecto da casa e d'ahi passou á cumieira.

Os soldados em um ardôr canibal arrombaram as portas, fizeram grande berreiro quando não encontraram o *criminozo*, espancaram duas velhas que ainda dormiam, e espantaram um primo de Daniel que atirou-se por boqueirões profundos; e depois um dos guardas que ficaram na porteira apitou e os outros avançaram.

Viram onde estava a *caça:* deram ordem de prisão. O rapaz mesmo com a sua ingenuidade burgueza não quiz obedecer, dizendo não ser criminozo. O mastim em chefe mandou o movimento de fôgo. Elle, porém, não se acobardou; e assim ficariam os soldados o resto do dia, si aos rogos e choros da sua velha mãe e tia não se resolvesse a entregar.

— Entrega, meu filho, que seu Frederico te hade fazer voltar;—dizia entre lagrimas a desvalida mãe.

— Deus te hade favorecer, porque es o arrimo de uma pobre e imprestavel velha; dizia-lhe a tia.

Amarrado ao rabo dos cavallos, como um porco, foi Daniel levado para a cadeia. Por um mez esteve elle vegetando entre quatro paredes humidas, infectas, onde o ar era azêdo.

A natureza creada ao ar livre, expandindo-se pelos campos mirrava-se como o arbusto dos tropicos que é transplantado para os pólos. Quando D. Luzia voltou

desesperançada, soube da prizão do afilhado e disse a Frederico que desse as providencias para livra-lo da imputação do crime. Como cada vez ella peorava, a energia moral foi se enfraquecendo.

Na hora das supremas agonias, quando o coração de Fantina golfava sangue, ferido pela desventura, Frederico apparecia-lhe offerecendo balsamo: mas um momento ella parava, voltava a si e tinha asco da surdida troca que o senhor queria. Era Mephisthofeles rindo-se juncto do cadaver de Fausto. Fantina no seu desespero lacoontico, preferia morrer que trahir a Daniel.

— Prefiro a morte com elle preso no fundo da cadeia; e cahia sem forças sobre a cama onde Pedro, o paigem, dava noticias de Daniel.

A velha Roza seguia estas peripecias como uma sombra, procurava o momento de descarregar o ultimo e certeiro golpe.

— Não desespere, menina; sinhô já serviu a você da outra vez, agora tambem pedindo elle serve.

Fantina achava isto infame. A humilhação cortava-lhe a alma como uma navalha afiada; mas a velha Roza trazia-lhe á memoria cousas tristes. Fallava da vida horroroza que Daniel ia ter; que se ella não o salvasse poderia morrer no fundo da cadeia de Ouro-Preto, terror da imaginação popular.

Talvez que elle lá morresse e nem sequer enterrariam o seu corpo. Seria atirado aos cães nocturnos ou aos abutres das praias.

— Si você ama deveras a elle,—dizia Roza,—não deve ter medo. Vá pedir a Sinhô, si não o pobre rapaz está perdido.

Fantina ficou perturbada. Um vacuo lhe encheu o cerebro abrazado.

XXXIX

A noute caira triste.

D. Luzia tendo tomado um narcotico dormiu; e descançava tendo juncto do leito a Joaquininha que velava sobre o travesseiro materno banhando-o de lagrimas.

Frederico no escriptorio endereçava uma carta ao delegado de policia pedindo-lhe que fizesse o Daniel seguir com os outros presos condemnados para Ouro Preto.

Fantina meio fóra de si, saltou sobre todos os temores e chegou ao escriptorio. Uma pallidez larga cobria o seu semblante formoso, producto do crusamento de duas raças. Frederico ao ve-la levantou-se e disse:

— Estou acabando uma carta que manda embora o Daniel; está nas mãos de vossê dar-lhe a vida e a liberdade, porque elle vae ser enforcado como auctor do crime.

Fantina cahiu-lhe aos pés soluçando.

— Senhôr, salvae o infeliz que é odiado só porque me ama! Eu sou uma escrava, mas tenho um coração puro.

Frederico ria.

— Não, Fantina, isso é tolice. Si você fiser o que eu quero, amanhã estará casada com elle. Abandona essas idéas: Daniel só quer Fantina. De qualquer fórma elle aceita.

A mulatinha de joêlhos ficára muda.

A dôr que invadiu-lhe a alma era tão grande, que varreu-lhe as idéas do cerebro, como o vento varre as folhas seccas de uma planicie.

— Deixa, Fantina, e amanhã você será d'elle.

E com um movimento rapido pegou-lhe pela cintura, Fantina já meio desmaiada só poude deixar escapar dos labios semi-mortos a palavra — Jesus!

....

....

XL

Quem conhecesse o aspecto de uma larangeira esgarçada pela traquinagem do rapazio garoto, faria idéa da physionomia de Fantina; mas como a nhé-nhá cada vez peorava mais, muitos tomaram a brusca mudança do seu natural, como tendo causa nos sentimentos pela partida de Daniel e nos encommodos da senhora.

Rita que fôra a denunciante de Roza levou ao conhecimento de D. Luzia os ultimos acontecimentos que presenceára. D. Luzia por um supremo esforço ergue-se do leito com os impetos desgrenhados de uma bacchante. Seus olhos baços tinham lampejos sinistros, onde se reverberavam dois grandes sentimentos: o ciume que dá energias desconhecidas, e o desespero da pessôa do marido.

Suava frio; tinha a côr da nata do leite corrupto; seus dentes rangiam como um instrumento que acompanhasse as tremuras do corpo cadaverico. Chamou Rita e mais outras e mandou-as conduzir Fantina ao

tear. Despida e amarrada ás argolas de um caixão, Fantina mostrava serenamente as carnes que ainda conservavam os fogos da puberdade. Das pernas cobertas de um feltrozito avelludado e das cheias nadegas, voavam fragmentos de carne como pedacinhos de algodão que caem das bordas da corda. Gemia só, por que tinha a bocca tapada com um lenço. E quando pelos movimentos convulsivos do corpo, que parecia fugir á proporção que a garra do couro descia, o lenço deixava aberto um canto da bocca, sahia este grito entrecortado :

— Nhê-nhá, eu sou innocente !

A senhora encostada á parede, dizia que antes tivesse feito á Fantina o que sua avó fizera a uma escrava que incorreu no mesmo crime. Essa escrava, dizia ella, foi amarrada pelos pés aos galhos de uma arvore, ficando com a cabeça no chão; depois despejaram-se tres ou quatro alqueires de milho ao redor, e soltaram a porcada que estava presa a cinco dias. Em menos de um quarto de hora só se via o corpo da cintura para as pernas.

Emquanto esteve ao alcance do focinho dos animaes, viam-se os entestinos puchados como um fio de linha de um novello.

Fantina esteve de *oratorio* oito dias. Esperavam todas as tardes quando Frederico sahia a passeio e reproduziam as scenas da escravidão. Depois Frederico soube e quiz salva-la. Abriu contra a vontade de D. Luzia a porta do tear e cortou as cordas que apertavam os pulsos sulcados por uma ferida azulada.

Martyrisada, sem se alimentar, com as faculdades mentaes meio alteradas, Fantina apresentava o aspecto de umu machina. Não teve uma palavra para Frederico quando elle acabando de cortar as cordas deu-lhe um beijo nas faces pallidas e macilentas. D. Luzia teve impetos ferinos; e revolvendo-se no leito, parecia um cadaver rompendo com a mão mirrada o sudario apodrecido pela humidade da sepultura. Frederico não tornou a entrar no quarto da enferma. D. Luzia, meia hora antes de morrer, vendo Fantina perto do leito, inda poude quebrar-lhe a cabeça com um vidro de *bromureto de potassium.*

—

O Zé de Deus, depois de acompanhar o enterro da comadre, entrou na taverna do Roberto e disse :

— Foi a minha bôa comadre para o outro mundo; e quem a mandou foi o Frederico. Me despresou. Morreu, e *elle* agora vae botar o Ingaseiro fóra.

O Roberto com um olhar desconsolado e triste, e com um filho nú nos braços, ouvia esta historia.

Frederico sosinho na fazenda, viuvo, senhor de grandes cabedaes, ruminava os dias saborosamente.

O estado de Fantina era triste. Aquelle semblante onde brilharam ardentemente todos os fogos da mocidade, estava velho e cavado pela paixão Nas vesperas da maternidade, Fantina caiu gravemente enferma. Frederico não quiz vê-la morrer sob suas vistas. Libertou-a e mandou um escravo leva-la para residir á cidade.

XXXV

Dois annos depois em uma ruella muito immunda, onde atiravam o lixo, via-se uma mulher de physionomia asquerosa, coberta de andrajos lamacentos, bebeda, insultar os transeuntes e gritar obcenidades porcas.

Por uma manhã chuvosa e fria, quando corriam pelo ar as cantilenas tristes da ventania melancholica, ouviu-se como um *dies iræ* a voz de uma creança debil e clorotica berrando :

— Mamãe Fantina ! mamãe Fantina !

Era Julia que chorava porque a mãe tinha amanhecido morta. Passados dias, um taverneiro sentindo o esvoaçar dos corvos avisou á policia, e encontraram um cadaver em dessoração e todo roido dos vermes, que caiam como bagos de chumbo.

A' tarde, sentado na saleta da Silveria, Frederico viu passar um esquife nos hombros de dois galés.

— Quem morreu ? disse elle.

— Foi a pobre que os urubús descobriram. Chamava-se Fantina.

Frederico chegando fogo ao cigarro, e deitando a cabeça no collo da Silveria, disse :

— Se ella não fosse tão tola podia ter vivido mais tempo.

FIM